

FRANCIS GERALD ENSLEY

JOÃO WESLEY O EVANGELISTA



COLEÇÃO METODISMO

João Wesley, o Evangelista

Do original: *John Wesley Evangelist*

© 1958, Methodist Evangelistic Materials

© 1992, Imprensa Metodista

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 5988 de 14/12/73

1ª edição - 1960 2ª edição –
1992

Tradução: Osvaldo Ramos

Imprensa Metodista

Rua Vigário João de Pontes, 766

04748 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 523-9622 Fax: (011)

521-2825

OBS:

*Para a presente edição on line do livro
JOÃO WESLEY, O EVANGELISTA,
foram feitos alguns pequenos ajustes na
tradução para a língua portuguesa e em
alguns lugares colocados algumas
observações escritas em vermelho e
entre parênteses que não fazem parte do
livro original.*

João Wesley,
o Evangelista

Francis Gerald Ensley

São Paulo

*Para Frank e Nellie Baker,
que têm me mostrado um
viver wesleyano*

Índice

<i>Apresentação</i>	9
CAPÍTULO 1: João Wesley, poderoso evangelista	13
CAPÍTULO 2: A redescoberta da redenção bíblica	19
CAPÍTULO 3: O desenvolvimento da experiência da redenção	33
CAPÍTULO 4: A combinação de expansão e intensidade	49
CAPÍTULO 5: A vitalidade disciplinada na evangelização	65

Apresentação

Existem dois movimentos básicos no pulsar do coração de João Wesley: o derramar do amor divino em si e a dádiva do seu amor em favor do próximo.

A ação evangelizadora é uma ação do amor. Um ato motivado e impulsionado pelo amor de Deus e uma dádiva amorosa da totalidade de sua vida no compartilhar do amor divino às pessoas e comunidades.

Por amar ardentemente o ser humano, Wesley desejava levar-lhe, com todas as suas forças e com todo o seu coração, o amor redentor de Cristo. Amou a todos intensa e sinceramente, sem discriminações, numa época cheia de preconceitos, separações, menosprezos e marginalizações. Em especial, amou os abandonados, desprezados, pobres e desesperados, valorizando suas vidas e trazendo-lhes a esperança e o poder do evangelho de Cristo.

Wesley cria no poder redentor da graça divina, expresso poderosamente em Cristo e testificado pelo Santo Espírito. Uma redenção no interior do ser humano e na totalidade da sua vida. Redenção bíblica e evangélica; redenção em amor, pois evangelizar é amar e partilhar o amor divino com as pessoas e toda a sociedade. E proclamar, vivenciar e sinalizar a "boa nova" do amor divino presente em Cristo e testemunhada poderosamente através do Espírito Santo.

Procurando rever, reavaliar e redespertar os cristãos e os metodistas para a relevância e a paixão evangelizante, a Editora Metodista, com o apoio do Colégio Episcopal, relança o tradicional, motivador e sempre atual livro, *João Wesley, o Evangelista*.

Este é um momento oportuno para reencontrarmos nossa história, nossa tradição e nossa identidade. Há um significativo

"porquê" por trás do poderoso impulso evangelizador presente em Wesley.

Ao lermos *João Wesley, o Evangelista*, religaremos nossas vidas e a vida da Igreja Metodista (e cristã) aos fundamentos básicos da "experiência de João Wesley" e ao desenvolvimento da obra de renovação e restauração iniciada por ele, seu irmão Carlos e um grupo significativo de irmãos(ãs). Reencontraremos, aqui, o sentido real do que significa uma experiência com Cristo; o crescimento dessa experiência no caminho da perfeição cristã; a dinâmica evangelizante presente na comunidade wesleyana; seu crescimento e sua vida disciplinada; as forças motivadoras e sustentadoras desse "modo de ser cristão", com suas bases, valores e expressões.

Mesmo tendo em mente as diferenças históricas e de contexto entre a época em que Wesley viveu e a nossa, reconhecemos que o presente momento histórico, nacional e mundial convida a Igreja, à luz das realidades e das necessidades atuais, a uma ação dinâmica, evangelizadora e missionária. A mesma força e o mesmo espírito presentes no movimento wesleyano despertam-nos e motivam-nos a "reencontrar" a paixão e a dinâmica evangelizante, junto das pessoas, dos grupos sociais, das comunidades, de toda a sociedade humana. No contexto de crise, angústia, corrupção, opressão, dominação, ausência de valores morais, injustiça, carência de verdade, amor, solidariedade e paz, a redenção evangélica é tremendamente necessária. Redenção que deve alcançar a todas as pessoas, a totalidade da vida e a vida em sociedade. O momento presente, crítico e desafiador, é a "porta aberta" por Deus para o cristão e a Igreja. Evangelizar, sem sectarismo. Evangelizar como um ato de amor, de dádiva, de identificação e solidariedade. Evangelizar sem minimizar a pessoa e sua cultura, sem desrespeitar a dignidade humana nem seqüestrar a vida; ao contrário, enriquecendo-a, transformando-a com o poder de Deus, através da ação viva do Espírito Santo.

O centro do evangelho é Cristo e seu amor dadivoso e reconciliador ao ser humano e todo o universo. O coração da evangelização é o amor de Cristo e seu poder transformador na vida das pessoas, da família, da Igreja e de toda a sociedade.

Um fato significativo está presente na vida de Wesley e seus contemporâneos metodistas: "Antes de evangelizar, ou concomitantemente com o ato evangelizador, eles foram 'evangelizados'. Essa é a dinâmica da evangelização: ao evangelizar somos também evangelizados. Isto significa que a "boa nova do amor divino e sua expressão na vida humana" não são completas de nossa parte. Sempre carecem de algo novo da parte de Deus e do seu Espírito.

Quando o cristão e a Igreja estão fechados em si mesmos, impedem as possibilidades transformadoras da graça divina. Na medida em que nos abrimos a Deus, ao próximo, à evangelização e à missão, há uma contínua novidade de vida oriunda do Espírito que nos alcança.

Wesley viveu essa realidade. Ao evangelizar foi "reevangelizado". Sua vida foi continuamente renovada pelo Espírito. A boa nova divina é algo sempre dinâmico e transformador. Não existe uma etapa final; é sempre contínua e progressiva.

A nossa esperança é que, ao lermos e estudarmos *João Wesley, o Evangelista*, possamos experimentar um grande despertar evangelizador na Igreja Metodista e em todas as comunidades cristãs. Ao mesmo tempo, esperamos que ocorra em nós, entre nós e através de nós, uma experiência dinâmica de "reevangelização".

Oramos para que, apesar da distância histórica, do contexto social e eclesial, de linguagem e cultura, o Espírito do Senhor possa atuar de forma enriquecedora e una na vida do povo chamado metodista, renovando, poderosamente, sua vocação evangelizante.

Bispo Nelson Luis Campos Leite,

São Paulo, 23 de junho de 1992.

Capítulo I

João Wesley, poderoso evangelista

João Wesley é um dos mais poderosos evangelistas da história cristã, quer o avaliemos pelo volume de seus trabalhos, quer pela rapidez do movimento, pelo impacto de sua vida sobre todos os tempos ou pela durabilidade dos efeitos.

Com respeito ao número dos convertidos à vida cristã, o ministério de Wesley é impressionante, mesmo em nossos dias de Algarismos astronômicos. Quando Wesley faleceu, havia 70 mil metodistas, só na Inglaterra. Talvez outros 70 mil tenham falecido na fé metodista durante sua longa carreira. Ter conduzido tantas pessoas da escuridão à luz, ter levado tantos de um tipo de vida a outro, tudo o que isto significa em termos de relações humanas é digno do nosso maior respeito. Estes metodistas foram, mais tarde, pastoreados por um grupo bem organizado de 550 pregadores itinerantes, para não mencionar talvez três vezes esse número de pregadores locais, muitos dos quais orientados pessoalmente por Wesley. É pouco provável que tenha existido uma comunidade em toda a Grã-Bretanha sem um grupo de testemunhas do gênio evangelístico de Wesley. Quem, na história cristã, pode atingir a magnitude de seu trabalho?

Tão espantoso quanto o tamanho é a rapidez com que o movimento wesleyano se espalhou. De um pequeno grupo que se reunia em classes e, Oxford e Londres em 1738, os metodistas

atingiram, conforme dissemos, um número superior a 70 mil na Grã-Bretanha, no fim do século. O Metodismo tinha saltado o Atlântico e quase 65 mil norte-americanos consideravam-se seguidores de Wesley. O crescimento do Metodismo nos Estados Unidos mostra a rapidez com que o evangelismo wesleyano avançava. Em 1773, havia 1.160 metodistas arrolados nos relatórios da conferência. Em 1784, o ano da histórica Conferência de Natal, em Baltimore, o número era 14.988. Seis anos depois, o recenseamento mostrava que esse número havia quase quadruplicado, chegando a 57.631. De 1773 a 1790, a população da América, aumentada pela imigração, havia crescido 75 por cento, enquanto o número de metodistas havia aumentado mais de 5.500 por cento. O crescimento geográfico era tão surpreendente quanto o crescimento numérico. Nos cinquenta primeiros anos após a morte de Wesley, havia congregações metodistas missionárias não somente na Europa, mas na África, na Austrália, nas ilhas dos mares. Por volta de 1840, o movimento metodista havia reproduzido, apenas em suas missões, toda a força numérica de seu primeiro meio século.

O dr. Newton Flew, um ilustre teólogo metodista inglês, compara o surgimento do Metodismo a um rio que nasce de uma fonte misteriosa sob uma velha catedral. Um quarto de milha depois de sua nascente, o rio cresceu tanto e é tão forte que faz funcionar um grande moinho. Foi assim que o movimento evangélico wesleyano veio ao mundo: com uma rapidez incrível, semelhante ao da Igreja Primitiva.

Considere-se também o impacto do evangelismo de Wesley na vida da Inglaterra. Aparentemente, as multidões que ele reuniu foram as maiores na longa história religiosa do Reino. Provavelmente ele tenha sido ouvido por mais pessoas durante sua vida que qualquer outro ser humano até o advento do rádio. As excitações emocionais e os fenômenos de massa se comparam aos de Jonathan Edwards e os reavivamentos de Northampton, numa escala maior.

Mas a influência de Wesley foi mais profunda do que um recenseamento popular pode avaliar. Ele tirou a Igreja da Inglaterra de sua sonolência. Onde ela era mundana e corrupta ele levantou-a para novos padrões de espiritualidade. Conforme escreveu Richard Green, o famoso historiador, Wesley e seus metodistas "acabaram com o clérigo ausente e caçador de raposa". Nos aspectos em que a Igreja havia se tornado dura e dogmática, sua nova ênfase do evangelho suavizou o conceito mecânico e severo de Deus e Suas relações para com o mundo, mitigando a ortodoxia. Ele inflamou a Igreja com novo zelo missionário; as Sociedades Bíblicas estrangeiras e britânica, a Sociedade de Tratado Religioso, a Igreja e as Sociedades Missionárias de Londres devem muito à iniciativa de Wesley. Ele derreteu o sentimento religioso congelado da Igreja Anglicana e o derramou em novos moldes, estampando-o novamente com significado espiritual.

Wesley mudou o clima espiritual da Inglaterra. Quando surgiu em cena, a Bretanha estava nas garras de uma Idade do Gelo, mais conhecida na história como a Idade da Razão.

Muitos consideravam mortas a organização eclesiástica bem como a vida cristã. Até o bispo Butler, famoso prelado e adversário de Wesley, confessou: "Muitas pessoas chegaram agora à conclusão de que o Cristianismo é fictício", ao mesmo tempo em que uma ilustre personagem em visita às Ilhas Britânicas, o ensaísta francês Montesquieu afirmou que quem discutisse religião na Inglaterra do século XVIII seria escarneado.

A moral era correspondentemente baixa. Os estadistas proeminentes eram incrédulos e sobressaíam-se pela conduta irregular, enquanto as massas pobres eram ignorantes e brutais num difícil grau de descrição. Wesley e seus evangelistas trabalharam tão eficientemente que o século seguinte, a Idade

Vitoriana, representa o triunfo do *ethos* cristão como o reinado de um soberano político.

Do solo da Inglaterra e do clima produzido pelo Metodismo, cresceu uma safra humanitária que seria sua glória. Citando Green mais uma vez: "O mais nobre resultado do reavivamento metodista foi a tentativa constante, que jamais cessou, desde aquele dia até os dias de hoje, de remediar a culpa, a ignorância, o sofrimento físico, a degradação social dos perdidos e dos pobres... Produziu uma nova filantropia que reformou nossas prisões, infundiu demência e sabedoria às nossas leis penais, aboliu o tráfico de escravos e deu o primeiro impulso à educação popular".

A melhor evidência do modo pelo qual Wesley modificou o clima espiritual da Inglaterra é a mudança de atitude de seus patrícios para com o próprio evangelista. No diário de Wesley temos um registro de quatro visitas bem espaçadas que ele fez a um velho porto marítimo de Falmouth, em Cornwall. Elas refletem a influência moderadora do reavivamento naquele lugar.

A primeira visita de Wesley foi em 4 de julho de 1745, quando seu movimento estava apenas começando. Ele havia cavalgado até a cidade para visitar uma mulher doente quando uma multidão, formada principalmente por marinheiros do porto, reuniu-se do lado de fora da casa. Berrava ordenando-lhe que fosse lá para fora. Visto que ele não os atendeu, atiraram-se contra a casa e tiraram a porta dos gonzos. Embora Wesley julgasse que sua vida não valesse nada naquele momento, enfrentou a multidão com sua calma habitual. Pediu uma chance para falar e a conteve até que algumas pessoas da classe alta o socorreram, levando-o em segurança a bordo de um navio. Foi uma visita curta.

Sua segunda visita foi dez anos depois, em 2 de setembro de 1755. Não houve motim desta vez, nem necessidade de escapar para salvar a pele. A Sociedade Metodista havia construído um

edifício por essa época e Wesley nos conta que pregou a uma congregação "profundamente atenta".

Foi a Falmouth pela terceira vez, quinze anos depois, em 30 de agosto de 1770. Desta vez ele não pregou no edifício metodista, mas perto da Igreja Anglicana. Ele registra que falou ao maior número de pessoas que jamais vira, com exceção da multidão, há 25 anos.

Sua última visita foi em 18 de agosto de 1789. Deixemos que seu Diário fale sobre aquele dia:

“À tarde, como não pudéssemos passar pela estrada comum, procuramos passar por alguns campos e chegamos a Falmouth em boa hora. Na última vez em que aqui estive (ele se esquecera das visitas calmas feitas neste intervalo), cerca de quarenta anos atrás, fui aprisionado por uma imensa multidão que rugia como leões. Mas como as coisas estão diferentes agora! Grandes e pequenos alinham-se na rua de uma extremidade a outra da cidade, em amor e bondade, clamando uns, espantados outros, como se o Rei estivesse passando. À tarde preguei no topo da montanha, a pequena distância do mar, à maior congregação que já vi em Cornwall, exceto em Redrath, ou perto desta cidade. E não tenho presenciado tal acontecimento desde que voltei da Irlanda. Deus agiu maravilhosamente nos corações das pessoas, de modo que todos parecem conhecer o dia de sua visitação.”

De um violento antagonismo, passando pela atenção, depois para a aceitação e, finalmente, para a adulação – esta foi a trajetória do progresso de Wesley em Falmouth e em quase toda a Inglaterra.

Finalmente, o evangelismo de Wesley não apresenta apenas o volume, a rapidez da realização e a força do impacto, mas satisfaz o mais severo critério – a permanência dos efeitos.

Certa vez, Wesley disse que não esperava que seu movimento durasse mais de uma geração, talvez trinta anos. Mas já se passaram mais de dois séculos, e há poucos sinais de senilidade. O efeito mais tangível, naturalmente, é a Igreja Metodista, a terceira denominação protestante do mundo. De acordo com estimativas criteriosas, há pelo menos vinte e três milhões de metodistas. Algumas fontes afirmam haver trinta milhões. Está estabelecida em todo o mundo e ainda evidencia, pelo menos, alguns traços da vitalidade que abalou a Inglaterra do século XVIII.

As causas às quais o pai do Metodismo entregou-se, além da evangelização, foram a educação popular, a filantropia, a reforma social, a emancipação do negro e a paz mundial. E tudo isto ainda é do interesse de seus filhos. Tem havido outros reavivamentos que, por um breve período, aproximaram-se do movimento wesleyano quanto à intensidade. O Grande Despertamento na América comparou-se a ele em seus efeitos na educação e nos interesses públicos. Mas, que evangelista pode reivindicar para suas obras conseqüências tão permanentes e vida tão contínua como o pequeno professor de Oxford, que deixou suas aulas para salvar as almas dos mineiros da Inglaterra do século XVIII? Levando-se em conta todas as dimensões, o maior movimento espiritual do Cristianismo moderno foi o impulsionado por Wesley.

Qual foi o segredo de Wesley? Que podemos aprender dele para nossa instrução? O que explica, não somente o alcance do Reavivamento Metodista, mas também seus efeitos duradouros? Em que poderíamos imitá-lo que tornasse possível um renascimento do poder espiritual em nosso século tão necessitado? Ninguém pode responder a estas perguntas com segurança, nem de modo completo, porque os motivos profundos estão com Deus; o vento do Espírito ainda sopra. No entanto, houve quatro fatores que transformaram João Wesley na força evangelística que ele foi. O propósito deste livro é expor esses fatores.

Capítulo II

A redescoberta da redenção bíblica

Certamente, a realização de Wesley não pode ser explicada sem que se mencione, antes de tudo, sua *redescoberta da experiência bíblica da redenção*. Wesley sempre insistiu – acompanhado da maior parte dos grandes reformadores – que não estava trazendo qualquer novidade. Estava apenas restaurando "a velha religião bíblica". Seu movimento, a seu ver, era apenas um restabelecimento do Cristianismo do Novo Testamento.

E qual é a marca registrada da religião bíblica? As Escrituras falam, naturalmente, com muitas vozes. Mas um tema que ressoa desde o Gênesis até o Apocalipse, é a mensagem da redenção: que o ser humano precisa ser salvo, que vale a pena salvá-lo, que ele tem um Salvador e, portanto, pode ser salvo. Todos os livros da Bíblia proclamam a pecaminosidade e loucura do ser humano. No entanto, Deus deseja salvá-lo, apesar de sua história lamentável, porque há nele algo digno, algo divino.

As Escrituras registram as distâncias que Deus tem percorrido para recuperar a "imagem divina", e o Novo Testamento, especialmente, testemunha o seu resultado feliz. A Bíblia é o relato cronológico de homens e mulheres a quem Deus transformou: o gago Moisés, num poderoso homem de estado; Jacó, o suplantador, num príncipe de Israel; Isaías, um homem de lábios impuros no arauto de um redentor; Mateus, um coletor de

impostos no escritor de um Evangelho; a mulher samaritana de João 4, uma mulher decaída à beira de um poço numa missionária; Paulo, um perseguidor implacável, feroz, no autor do hino de amor em 1 Coríntios.

O mérito de Wesley é que ele redescobriu este fato primeiro para si mesmo, e depois o comunicou à sua geração. O dia da experiência de Aldersgate, que consideramos a data do início do Metodismo, é uma continuação do momento em que Isaías se sentiu transformado e do instante em que Paulo teve o encontro significativo na Estrada de Damasco.

Eu disse que Wesley *redescobriu* a redenção bíblica. Isto é verdade, porque a noção de redenção tinha se evaporado do Cristianismo do século XVIII. O senso da presença de Deus - a fonte da experiência evangélica - estava ausente. O sermão da época era um ensaio moral lido sem ardor. Havia pouco no sermão que despertasse esperança, temor ou amor, e nada que atraísse ou salvasse os perdidos. O pregador dessa época não esperava que alguém fosse "salvo" como consequência de sua homilia; portanto, é claro que ninguém o era. O pregador seria o primeiro a surpreender-se diante de uma transformação repentina de caráter em seu ministério; e, se a mudança fosse acompanhada de emoção, ele ficaria bastante aborrecido.

E foi no meio do congelamento ártico de tal época que o coração de Wesley foi "estranhamente aquecido". Num mundo inadequado ao evangelismo, ele experimentou a salvação. Naturalmente, sua experiência de redenção não foi a de uma missão Bowery (a Missão aos alcoólatras de um bairro de Nova York). Aldersgate não o livrou da luxúria, da bebedeira ou da criminalidade. Não representa a conversão aos preceitos de Cristo, ou um retorno da indiferença religiosa. Aldersgate marca uma onda contrária aos inimigos espirituais que o flagelavam. Não é difícil enumerá-los. Um deles era a concepção legalista da religião que professava. Esforçava-se para ser bom - e naturalmente falhava -

mas Aldersgate o livrou desta necessidade. A interpretação que mais tarde Wesley deu a essa experiência é que ele passara da condição de servo à de filho. Sua condição não era a do filho pródigo, que se atirou penitentemente aos pés do pai misericordioso. Era a condição do irmão mais velho que estivera trabalhando inutilmente na casa do pai, sem sentir os privilégios do amor.

No início, Wesley experimentou a graça que aceita a intenção das obras, que faz concessões às omissões humanas e considera cada manhã um novo dia. Wesley chegou a Aldersgate como uma vítima da fadiga espiritual que finalmente apanha aquele que aspira à perfeição. O que lhe aconteceu naquela reunião de oração é amplamente sugerido pela recente tradução indiana do Salmo 23, "Ele ungiu minha cabeça com óleo": "Ele põe Sua mão sobre minha cabeça e o cansaço se vai".

Outro inimigo espiritual foi a indiferença emocional. O senso do dever, que lhe era tão característico, pesava sobre ele como uma armadura. Sua religião era antes um peso do que algo que trouxesse alívio. Ele ansiava por algo que nutrisse sua vida emocional. Desejava, talvez inconscientemente, algo que trouxesse satisfação a seus sentimentos, porque realmente não vivemos enquanto não sentimos. Aldersgate alijou a fraqueza emocional que tão freqüentemente acompanha "a noite do legalismo" (*uma expressão utilizada por Wesley para descrever os que ainda não tinham passado por uma experiência pessoal de fé, cf. Gl 3.19ss*).

Uma vez mais, Wesley estava tendo problemas com seus inimigos. Ele nos conta que o primeiro efeito tangível do aquecimento do coração foi que ele começou a orar "com todas as minhas forças por aqueles que me haviam, de maneira especial, perseguido e caluniado". Provavelmente ele já havia orado por Williamson, Causton, Sofia Hopkey e outros que o haviam humilhado na Geórgia. Mas agora ele o fazia com "todas as suas

forças". O coração juntou-se numa desinibida vontade no amor cristão.

Se compararmos, usando uma imagem bem crua e, à primeira vista, até inepta, Aldersgate foi para a carreira (cf. 2 Tm 4:7) de Wesley o que uma plataforma giratória, ao final da viagem, é para uma locomotiva. Ela marca o fim de uma viagem e o início de outra. A locomotiva vai percorrer o mesmo caminho de onde veio. Durante a volta, a pessoa percorre o mesmo território, pára nas mesmas estações, é acompanhada das mesmas pessoas, no entanto, tudo é diferente, porque as paisagens anteriores são vistas sob nova perspectiva, devido à mudança de direção. À medida que Aldersgate se perdia no tempo, parecia ter menos significado para Wesley. Mas esse acontecimento marcou o início do fim da religião legalista, da frieza emocional e do orgulho enfadonho, frente à crescente satisfação da fé que age pelo amor. Foi uma experiência verdadeiramente redentora – em nível de Wesley.

Sua descoberta foi, sem dúvida, crucialmente importante para ele. Para uma coisa ela o inflamou: para a tarefa evangelística. Sempre que o ser humano se aproxima de Cristo, o velho drama se reinicia: Cristo o transforma em pescador de homens. Ele evoca a urgência da evangelização ao revelar sua primordial importância. Ao ser colocada em prática, o senso de sua importância cresce.

Um hoteleiro, em cujo estabelecimento Wesley parou certa vez, perguntou-lhe quanto ganhava por ano para pregar. Depois de citar certa quantia, Wesley acrescentou que sua recompensa principal era a certeza de que por sua pregação muitas pessoas estavam sendo salvas. O hoteleiro ficou mudo de espanto. No entanto, para aquele que havia experimentado a salvação, esta resposta era perfeitamente compreensível. O encontro místico de Wesley em Aldersgate preparou-o para compreender simpaticamente as experiências de seus seguidores incultos, cujas relações com Deus ficavam quase sempre em níveis baixíssimos.

De seu contato com a redenção surgiu a poderosa dedicação de sua vida. Ela fez dele o que Rufus Jones costumava chamar "uma pessoa de um único objetivo" – "Esta coisa faço". Ela foi o foco de sua vida e tornou tolerável o sacrifício que sua carreira lhe traria.

"Não é por prazer que a esta altura de minha vida viajo três ou quatro mil milhas por ano", escreveu para o *Dublin Chronicle* em 1789. Não, não era por prazer, e, sim, pela paixão de ser mediador da divina graça que havia abençoado tanto sua própria vida. Esta paixão subtraiu-o das salas de aulas, das campinas e "da amabilidade esculpida que é Oxford", para servir às massas; preparou-o para seus encontros com as multidões hostis. Manteve-o firme quando seus próprios seguidores pareciam desesperadamente perdidos. Não, não era por prazer que se mantinha firme no trabalho, mas pelo anseio de compartilhar o que de mais profundo possuía em sua própria vida, que conservou para sua tarefa".

A descoberta de Wesley não lhe deu somente a inspiração necessária para o trabalho; ela o supriu com uma certeza inabalável da qual ele partia e à qual recorria em momentos em que era atacado e repudiado. Estava convencido de que o pecado é a raiz dos males da vida e sabia que o ser humano podia ser salvo. Quando os críticos levantavam dúvidas quanto à validade de seus ensinamentos, ele se referia sempre ao testemunho do homem citado no Evangelho de João que se havia lavado no Poço de Siloé: "Eu era cego e agora vejo". E quando um bispo anglicano argumentou que Wesley não tinha o direito de pregar o evangelho, dizendo: "Eu (o bispo) desconheço sua ordenação para pregar de um lado para outro, fazendo a obra de um evangelista itinerante", Wesley retrucou: *"Talvez o senhor desconheça. Mas eu sei, eu sei que Deus colocou isto em minhas mãos"*.

Um grego disse: "Dá-me um fulcro (base, ponto de apoio,

suporte) onde firmar minha alavanca e moverei o mundo". A experiência da redenção foi o fulcro de Wesley.

A descoberta de Wesley foi de importância decisiva não somente para si próprio, mas para as pessoas a quem ele pregava. Essa descoberta proveu-lhes com o tipo de religião que pode ser experimentada. Era empírica, verificável. A religião tradicional ensinava que Cristo havia realizado uma grande obra *por nós*. Wesley revelou o que Cristo pode fazer *em nós*. Ele proclamou um tipo de salvação que pode ser conhecido, e em dois sentidos.

Primeiro, ela pode ser conhecida interiormente pelo próprio praticante. Ela pode ser sentida. Há uma percepção direta. Em seu conhecido sermão "O Testemunho do Espírito", Wesley pergunta:

"Como se pode distinguir a luz da escuridão; ou a luz de uma estrela, de uma vela incandescente, da luz do sol do meio-dia? Quando nossos sentidos são sadios, percebemos a diferença. Do mesmo modo, uma pessoa sabe imediatamente se está habitando na luz espiritual ou na escuridão, se seu coração está incandescente de gratidão para com o Doador de toda a boa dádiva e se está aquecido com benevolência para com toda a humanidade".

Em segundo lugar, e ainda mais significativo, Wesley pregou um tipo de religião que pode ser conhecido externamente pelos outros além do praticante. Ele não somente oferecia certeza subjetiva, mas exigia validade objetiva. Sua religião supria os homens com força moral, com um poder tão decisivo para conquistar as coisas que os havia derrotado, que qualquer observador imparcial com dois olhos no rosto poderia verificar isto.

Seu diário é uma exposição viva de homens e mulheres cujas vidas haviam sido renovadas pelo evangelho. Nele há o

relato de um barbeiro que passou doze meses sem beber, embora tenha sido "um dos bêbados mais conhecidos de toda a cidade" até encontrar-se com Wesley. Há um tropeiro a caminho do prostíbulo que, convidado por um metodista para participar de um culto de vigília, sai de lá se regozijando no caminho estreito. Há um esposo que testifica que os metodistas silenciaram a língua rabugenta de sua esposa. Há uma pobre alma desesperada, afastada do suicídio. Não é de se admirar que este tipo de religião, capaz de operar tais milagres morais, tenha se espalhado pela Inglaterra.

Este tipo de religião, reproduzível na experiência de todo ser humano, teve uma tremenda força apologética sobre os espíritos confusos e indiferentes do século XVIII – e ainda o tem em nosso próprio século. Até mesmo o homem iletrado, quando interpelado sobre as doutrinas de Wesley, poderia dizer como o montanhês de Kentucky, quando lhe perguntaram se cria no batismo infantil. "Se creio? Homem, já assisti a um!"

Assim aconteceu quando o bispo de Londres perguntou pelas credenciais de Wesley. E este escreveu em réplica:

“Pelos frutos conhecerei... a nuvem de testemunhos, que a este tempo experimenta o evangelho que prego, o evangelho que é o poder de Deus para a salvação. O beerrão habitual de antes é agora temperado em todas as coisas. O libertino agora foge da fornicção. O que roubava, não rouba mais, mas trabalha com suas próprias mãos. Aquele que blasfemava ou jurava, talvez em cada sentença, aprendeu agora a servir ao Senhor e a regozijar-se nele com reverência. Àqueles antes escravizados a vários hábitos pecaminosos foram trazidos novos hábitos de santidade. Estes fatos são demonstráveis. Posso citar os nomes destes homens e seus respectivos endereços.”

Este tipo de evidência de fé é irretorquível. Colocando a questão num ângulo ligeiramente diferente, o evangelismo

wesleyano ganhou a aceitação do mundo porque oferecia às pessoas – no melhor sentido – aquilo que elas desejavam.

No fundo, a humanidade deseja, mais que tudo, ser salva. Naturalmente, o ser humano está quase sempre cego àquilo de que realmente precisa e mais cego ainda quando encontra a resposta exata aos seus anseios. No entanto, a vasta maioria da raça humana é vítima do mal. Seu carcereiro pode ser o álcool, o cigarro, a tendência à fofoca, o temperamento, a insegurança, o fracasso vocacional, o sentimento obcecado sobre a inutilidade da vida. Qualquer que seja sua prisão, todos os filhos de Adão têm um desejo comum, profundo, de libertação.

O pregador de uma religião que pode prometer a libertação destes males, que pode oferecer a vida eterna, que pode persuadir a humanidade, e *pode cumprir estas promessas* – esse pregador tem o mundo em seu bolso (**tem controle e vantagem na situação, avanta-se, progride, vence, tem sucesso em sua empreitada**). Aqui está o segredo do poder de Wesley. Nas palavras do bispo Watkins, ele libertou milhares de homens, das coisas que os escravizavam.

Uma experiência de redenção como esta que vimos expondo, pressupõe, naturalmente, um Deus muito próximo de nós. O único Ser que pode cooperar para a nossa salvação é Aquele que se interessa pelos problemas humanos. Um Salvador deve estar pronto a atender às necessidades humanas, ou então não é um Salvador. Para usar o termo filosófico, um Deus salvador deve estar "imanente" em sua criação. Deve residir em seu mundo do mesmo modo como um espírito habita um corpo. Não deve tão somente ser onipresente em seu auxílio, mas estar próximo em simpatia. Deve sentir nossas enfermidades. Mais que tudo, deve possuir o poder de revelar-se em termos que a inteligência finita possa compreender.

Somente um Deus que está próximo de nós em presença,

em simpatia e em revelação está apto a nos auxiliar quando as aflições nos oprimem. Um Deus distante não será de valia quando se trata de salvar uma raça atolada na lama. A impotência do deísmo do século XVIII devia ater-se a este ponto.

Porém, o Deus de Wesley estava perto dos homens, às vezes embaraçosamente perto. Temos a impressão de que o Senhor estava sempre junto ao cotovelo de Wesley, para validar as suas orações. Ele nos conta que em Yarm a chuva cessou depois de dois ou três minutos em resposta à oração. Em Newcastle, a chuva ameaçava cair, mas não caiu enquanto o pregador não terminou o sermão – chovendo depois, abundantemente.

Wesley comenta: *"Como Deus regula bem o tempo dos pequenos e dos grandes eventos, para o avanço do seu reino!"*. Em Newell-Hay: *"No momento exato em que comecei a pregar, o sol saiu e brilhou fortemente sobre minha cabeça. Percebi que, se continuasse, não poderia falar durante muito tempo e elevei meu coração a Deus. Em um minuto ou dois o sol estava coberto por nuvens, permanecendo oculto até o término do culto. Aquele que preferir pode chamar isto de acaso. Eu chamo de uma resposta à oração"*.

Durante uma viagem de volta ao continente, vindo da Ilha de Alderney, seu barco começou a ser impelido para as rochas. Wesley orou e o vento mudou de direção tirando-os da dificuldade. Mais tarde, quando o navio acalmou, todos se entregaram à oração. O vento continuou soprando e os levou para a terra a salvo. Ele salvou um edifício do fogo por meio da oração. Em outra ocasião memorável, orou por seu cavalo coxo, que alguém lhe disse estar irremediavelmente aleijado, e o cavalo melhorou enquanto caminhava.

Esta teologia da imanência era deliberada da parte de Wesley. As Escrituras falam de um Deus paternal, de um Ser

providencial. Para Wesley, não havia sentido em falar sobre uma Providência, a menos que se tratasse de uma Providência específica. Afirmamos que Deus é Criador. Mas Ele não criou de um modo geral. Criou seres específicos: o dr. Fletcher de Madeley, os penhascos brancos de Dover, o cavalo branco que Wesley cavalgava. Deus é Consciência. Se Deus é Consciência, Ele tudo conhece; e conhecer realmente é imbuir-se dos detalhes.

A mente que conhece de modo generalizado, mas não domina as particularidades, não é digna de ser chamada divina. Deus é Amor. Mas o que ama de verdade não ama a humanidade de modo geral. A afeição de Deus focaliza o indivíduo em particular. Deus é Redentor. Por toda analogia ele está interessado em pessoas particulares e emprega ocasiões expressas e meios definidos para salvá-las. Isto significa que Ele deve estar perto da sua criação, onipresente nela. Quando Wesley elaborou instruções para o ensino religioso das crianças, advertiu contra a generalização da educação religiosa. Ao contrário, ele admoesta:

“Desde os primeiros albores (alvores, as primeiras luzes, alvorada) da razão inculque (repita com insistência para gravar na mente e no espírito, aprenda e/ou ensine, descubra e/ou aconselhe) continuamente que Deus está aqui e em toda parte. Deus fez a você, e a mim, e a terra, e o sol, a lua, tudo. E tudo é dele: o céu, a terra e tudo que neles há. Deus ordena todas as coisas. Ordenou ao sol que brilhasse, ao vento que soprasse e às árvores que dessem frutos. Nada surgiu por acaso. Esta palavra é tola: o acaso não existe.”

Ou, como ele escreveu em outro lugar:

“Deus está em todas as coisas e... devemos ver o Criador em todas as criaturas: não deveríamos usar ou olhar nada como algo separado de Deus, porque isto, na verdade, é um tipo de ateísmo prático; mas, com verdadeira magnificência de pensamento, pesquise os céus e a terra e

tudo que neles há, como se estivesse no côncavo de sua mão, o qual pela sua presença íntima mantém-nos em existência, o qual penetra e atua em todas as criaturas e que é, na verdade, a alma do Universo.”

Inquestionavelmente, uma visão imanente de Deus tal como a de Wesley é um escândalo para a teologia dominante do nosso tempo. A moda, agora, é enfatizar a transcendência de Deus.

Naturalmente, Wesley também acreditava na transcendência de Deus, porque reconhecia que a deidade é algo muitíssimo além do ser humano, objetivamente real, e não uma simples projeção do nosso pensamento. No entanto, pode-se dizer, e isto favorece Wesley, que dificilmente surge um reavivamento redentor baseado na transcendência de Deus. Um ser, como a deidade de Karl Barth, que permanece em "infinita diferença qualitativa" da criação, está demasiado longe para medicar os males do ser humano. O universo sideral, com toda sua extensão, é uma prova da infinitude de Deus e aniquila a centralização divina ao redor do ser humano, mas é a proximidade de Deus que elabora a salvação do homem.

Para concluir esta seção, que podemos nós fazer para restaurar o poder redentor do Metodismo primitivo? Às vezes ouvimos pessoas devotas orarem por outra experiência como a de Aldersgate. Se temos consciência do que pedimos, na plenitude de suas dimensões, é uma súplica legítima. E improvável, no entanto, que a experiência redentora, da qual Aldersgate é um alto símbolo, seja alcançada por meio da petição. A salvação no sentido espiritual vem por meios indiretos. Ninguém pode ser salvo simplesmente porque assim o deseja, como não pode resolver esquecer alguma coisa – a resolução chama pela memória. Se a vontade fosse a única exigência, a experiência de Aldersgate não teria sido necessária, pois a Wesley não faltava vontade. Não podemos racionalizar nosso caminho para a

redenção. A salvação não vem pelo esforço, mas pelo contato íntimo com o Salvador.

Aqui está a importância do estudo bíblico. Se quisermos reproduzir a experiência de Aldersgate em nossa época, devemos nos expor às forças espirituais que a evocaram pela primeira vez, das quais as Escrituras são as mais importantes. Em suas tentativas para explicar o Pai do Metodismo, os eruditos têm negligenciado talvez o mais potente fator de todos - a Escritura na qual ele verdadeiramente viveu, se moveu e teve seu alimento espiritual. A experiência de Aldersgate não veio a uma borboleta humana (um borboleteador, alguém que "voava" e vagueava superficialmente" pela Bíblia, incapaz de fixar atenção) mas a um sincero estudioso da Palavra de Deus. Tanto seu pai quanto sua mãe haviam escrito livros sobre a Bíblia; assim, ele aprendeu sobre as Escrituras desde cedo em sua vida. Ele nos conta que em seus dias de estudante resolvera ser um "*homo unius libri*" (homem de um único livro). Sabemos que ele esquadrinhou especialmente o Livro de Atos, com seus relatórios sobre idade de ouro da Igreja Primitiva. Leu Romanos com suas declarações vivas da experiência de Paulo. Estudou o Sermão do Monte com suas injunções à perfeição. Como poderia uma alma sensível e pesquisadora expor-se à experiência e à mensagem do Senhor dos Apóstolos sem ser possuída por um desejo apaixonado de reproduzir os sinais e maravilhas daqueles dias primitivos?

A Bíblia entra bem fundo no cerne da experiência de Aldersgate! Em 24 de maio de 1738, Wesley consultou duas vezes a Bíblia, uma vez em 2 Pedro, outra em Marcos 12. À tarde ouviu o coro da Igreja de São Paulo cantar o Salmo 130. Mais tarde (muito significativamente) durante a leitura do comentário de Lutero sobre a Epístola aos Romanos, Wesley teve seu coração aquecido. Note como ele descreve sua experiência quase inteiramente em termos bíblicos. Ele sentiu que havia sido salvo "da lei do pecado e da morte" (uma expressão paulina). Começou a orar por aqueles que "o perseguiam e o caluniavam" (uma

citação direta de Mateus). Fala sobre o estar sob a lei e a graça (categorias paulinas). Depois diz que em Aldersgate passou de servo a filho reminiscência da parábola do Filho Pródigo.

As idéias (**expressões**) bíblicas eram as moedas com que seu espírito fazia transações e refletem os longos e duros labores na sua aquisição.

Sempre pensamos na função reguladora das Escrituras. O próprio Wesley a concebia deste modo. Não devemos esquecer, contudo, sua função geradora.

As Escrituras Sagradas têm o poder de evocar a fome e a sede de justiça e também a comunhão com Aquele que pode atender às nossas necessidades, condição essencial para a comunhão com Ele. Não podemos desejar ter uma experiência religiosa. Mas, pelo estudo fiel das Escrituras, podemos colher a lenha, confiantes de que Deus proverá o fogo em tempo certo.

Capítulo III

O desenvolvimento da experiência da redenção

O poder evangelizador de Wesley nasceu não somente de sua redescoberta da experiência bíblica da redenção, mas do fato posterior de *estender as implicações da experiência em todas as direções*. Ele a desenvolveu completamente — universalizou-a, eternizou-a, em três aspectos.

1 - Estendeu-a à vida toda.

Wesley teria concordado com D. L. Moody em que ser cristão não exige muito da pessoa; exige tudo, absolutamente tudo. A salvação é mais do que uma mera resposta a um chamado. É mais do que o perdão dos pecados. E mais que a "justificação", para usar a linguagem da teologia. Ela deve levar à santificação.

Às vezes a conversão é chamada de "novo nascimento". Mas, para que serve o novo nascimento, se depois de nascer a pessoa não vive? Como é trágico nascer e nunca crescer, permanecendo a vida toda um anão religioso, um idiota espiritual.

Em nosso desenvolvimento religioso começamos a

conhecer a Cristo através do nosso contato com as Escrituras e com a comunidade cristã. Depois, o aceitamos pela fé, que ocorre na conversão. Finalmente, o incorporamos; reproduzimos — tanto quanto nossa natureza o permite — a Encarnação que estava nele.

Os dois primeiros estágios ficam incompletos sem o terceiro. Wesley nunca se cansava de dizer às suas sociedades vacilantes que elas nunca prosperariam enquanto não pregassem e avançassem da conversão à santificação.

Wesley identificava a santidade com a plenitude. Nos primórdios de sua obra ele falava da "ausência de pecado" como sinônimo de "santidade". Mas ele nunca afirmou ser "isento de pecado" e teve tantos problemas em suas sociedades com os "não-pecadores" professos, que sua ênfase tendia a tornar-se silenciosa. Quando, finalmente, suas idéias se cristalizaram, a santidade passou a significar completa dedicação da vida (a mente, o coração, a alma e as forças) ao serviço do Senhor. É o oferecimento de todos os pensamentos, palavras e ações como um sacrifício espiritual.

Em duas de suas bem conhecidas cartas, Wesley definiu a perfeição cristã de cinco maneiras diferentes:

1. "Amar a Deus de todo o coração."
2. "Ter um coração e vida completamente devotados a Deus."
3. "Recuperar a imagem integral de Deus."
4. "Ter toda a mente de Cristo."
5. "Andar uniformemente e como Cristo andou."

Note que as definições têm termos que sugerem universalidade ou totalidade - "todo", "completamente", "integral", "uniformemente". A idéia de Wesley acerca da salvação se opõe a toda noção de libertação fragmentada do mal. Para ele, a alma verdadeiramente salva é aquela completamente redimida.

A) Esta integridade encerra, naturalmente, *a vida religiosa completa* em suas três formas: *fé, obras* e a *Igreja*. A salvação pela fé é, naturalmente, uma doutrina fundamental de João Wesley, como era para reformadores. Ninguém pode vir a Deus a não ser que creia na sua existência. O edifício da redenção descansa na fé, que Wesley definiu de muitas maneiras, mas sempre em harmonia com o pensamento de que a "fé é uma verdadeira confiança em Deus, que pelos méritos de Cristo nossos pecados são perdoados e somos reconciliados com Deus". A fé é um dom de Deus, uma capacidade forjada no ser humano para que ele perceba e responda ao reino espiritual, análoga ao anseio pelas coisas materiais. Entramos na vida de fé pelo arrependimento. Wesley às vezes o chamava de alpendre (**varanda de uma casa**) da religião, sendo a fé a porta (**de entrada na casa**) e a santidade a casa (**a parte interna da casa**). O arrependimento é uma convicção do pecado e a tristeza dele decorrente leva o pecador a dar as costas ao passado, repudiar seus erros e viver segundo a fé na misericórdia de Deus. Para empregar uma frase de Wesley, as pessoas devem ser feridas, antes de irem à procura do único Médico que as pode curar.

A fé produz o segundo componente da vida religiosa integral: as boas obras. Ninguém estará definitivamente salvo de acordo com Wesley, se não praticar todas as boas obras que puder, segundo as oportunidades. Se uma pessoa que foi justificada não fizer o bem, perderá a graça que recebeu; e se não se arrepender e praticar as boas obras, estará em condenação eterna.

Uma das razões pelas quais Wesley tinha constantes atritos com os moravianos é que eles estavam satisfeitos em identificar a crença em Cristo com a piedade, sem sentir a urgência de guardar Seus preceitos. Wesley combateu também a "pregação evangélica" de seu tempo, caracterizando-a de "inútil, senão prejudicial", porque consistia de discursos detalhados sobre os ferimentos de Cristo ou sobre a salvação pela fé, sem inculcar o cumprimento do dever cristão. Ele criticava energicamente a

Lutero, porque este depreciava a lei de Cristo em deferência à fé. De acordo com o pensamento de Wesley, as boas obras são inseparáveis da vida religiosa.

Wesley conhecia, naturalmente, o engano de considerá-las o meio para se alcançar a salvação. Ele sabia como as boas obras podem provocar o desespero na alma conscienciosa, que havendo feito o melhor possível, percebe que ainda é um servo inútil. Como pastor, Wesley sabia como o apelo às boas obras pode despertar falso orgulho em alguns e também o espírito hipercrítico, enquanto em outros, levaria ao nível trivial do escoteiro (“uma boa ação a cada dia”). Mas, apesar de todos os perigos, Wesley nunca esmoreceu na pregação da necessidade de se praticar boas obras. Ele nunca perdeu uma oportunidade para desmascarar os "antinomistas" que pensavam que a dispensação da graça os havia desobrigado das exigências da lei moral (ou seja, que a fé não precisava apresentar frutos, que o salvo por Jesus estava dispensado de fazer o bem e praticar boas obras). Wesley nos deixou em seu *Diário* um quadro clássico e inconscientemente humorístico sobre este grupo, com sua refutação:

“Conversei com um que, segundo conselho do seu pastor, havia calma e deliberadamente batido em sua esposa com uma vara até que ela ficou roxa da cabeça aos pés. Era seu dever fazer isto, porquanto ela era insolente, de natureza ruim; e ele estivera cheio de fé durante todo o tempo em que o fazia, e tem continuado assim desde então.”

Não é uma questão de fé ou de obras, é claro, e, sim, de se obter uma relação adequada entre ambas. A realização de boas obras com a intenção de ser salvo é armadilha do legalismo. Por outro lado, pensar que a pessoa pode parar na fé é uma heresia paralela à dos "antinomistas".

O que Wesley se esforçou ao máximo para demonstrar é que devemos começar pela fé - o único meio de salvação. Mas, se esta fé for verdadeira, produzirá boas obras como prova de sua genuinidade. Para usar uma figura de linguagem usada por Wesley, a santidade é uma árvore da qual a fé são as raízes, e as boas obras, os frutos. Ou, para substituir esta figura pela de João Byron, a cujos versos Wesley se refere:

“O aço ou a pedra, sozinhos, não produzem fogo,
Nem voa a centelha enquanto ambos não concorrem.
Nem a fé sozinha, ou as obras, são de valor.
A salvação surge quando se unem.”

Finalmente, para tornar as obras e a fé inseparáveis da salvação, exige-se o terceiro elemento do triunvirato: a Igreja.

Wesley insistia em que a vida religiosa exige a comunhão tradicional dos crentes. Ele escreveu em 1788:

"Eu sou um homem da Igreja da Inglaterra, e como disse há cinquenta anos atrás, digo agora ainda: na Igreja viverei e morrerei, a menos que eu seja lançado fora dela."

Ele insistia em que seu movimento metodista ficasse na Igreja Anglicana. "Quem se separar da Igreja," decretou ele, "separar-se-á dos metodistas". Quando a Sociedade Metodista de Deptford resolveu deixar a Igreja da Inglaterra, ele lhes disse rudemente que jamais veriam sua face novamente. Ele não permitia que suas sociedades se reunissem em horários que coincidissem com os cultos da igreja. Aplicava a disciplina em seus próprios pregadores se eles injuriassem os anglicanos. Exigia dos membros de suas sociedades que frequentassem a igreja e, às vezes, ele próprio os levava para o culto na paróquia.

Freqüentemente, neste país, temos assistido a tristes espetáculos, em que evangelistas invadem comunidades locais

para ridicularizar e minar os trabalhos dos pastores e da igreja. Estes agitadores não pertencem à companhia de João Wesley, o maior de todos os evangelistas.

B) A salvação e a santidade incluem não somente a disposição religiosa, mas as *atitudes sociais* também. Dizia Wesley que o "Cristianismo é essencialmente uma religião social, e torná-lo uma religião solitária é destruí-lo... O evangelho de Cristo não conhece outra religião senão a religião social; nenhuma santidade senão a santidade social". O amor é a marca do homem salvo, o ideal aspirado por todo cristão.

Um hino de Wesley diz assim:

“Oh! Permite que nada em minha alma
Habite senão teu puro amor.
Oh! Possa teu amor possuir-me todo,
Minha alegria, meu tesouro, minha coroa.
Paixões estranhas de meu coração remove.
Sejam de amor meus atos, palavras e pensamentos.”

O teste de Wesley para uma sociedade religiosamente próspera era o amor. "A chama do amor corre de coração em coração", escreveu ele sobre uma reunião, "e poucos corações permaneceram intocáveis". Era uma realidade da presença de Deus.

Aos olhos de Wesley, nada substitui o amor. A correção da doutrina não permanece firme. Wesley escreveu a respeito de um certo dr. John Edwards, cujo orgulho e falta de caridade para com os inimigos era deprimente:

"Seja sua opinião certa ou errada, se o temperamento do dr. Edwards fosse um temperamento cristão, eu abjuraria o Cristianismo para sempre".

A retidão não atenua o temperamento não-amoroso.

Wesley ousou censurar até mesmo o poderoso profeta João Knox por causa do "espírito violento, amargo e picante" do seu livro *História da Igreja da Escócia*. Como administrador, Wesley louvava a harmonia em sua organização. No entanto, a única unanimidade que ele exigia era a do coração.

Wesley traduzia o amor em serviço pessoal às necessidades humanas. Ele antecipou o evangelho social; a noção da obrigação cristã de converter não somente os jogadores (as **pessoas**), mas, também, as regras do jogo (**o meio social, a cultura, política, leis, tradições, etc...**) foi uma visão que viria mais tarde. Seu "evangelho social" foi o terno ministério de pessoa para pessoa. Ele incitava os ricos a que não somente enviassem ajuda aos pobres mas que a levassem pessoalmente, tanto por amor do receptor como do doador; do doador, "*por estar muito mais apto a amolecer nosso coração, e fazer-nos cuidar naturalmente uns dos outros*"; do receptor, "*por ser mais confortável para ele e por podermos ajudá-lo no campo espiritual bem como no temporal*". Wesley praticou o amor que pregava através do seu recolhimento de roupas para os pobres, sua doação de remédios, e seu cuidado pessoal para com os desamparados.

C) A santidade significa *desejos e sentimentos* santos. Significa amar as coisas que devemos amar – todas elas. A verdadeira santidade infiltra-se pelas molas da ação e reveste-as com uma nova qualidade. Ela inunda até mesmo os reinos sombrios do subconsciente. "*São santos os vossos sonhos?*", perguntava Wesley em suas conferências.

A perfeição cristã significa ardor de sentimentos. Wesley teria concordado com o general William Booth, fundador do Exército da Salvação, que uma reunião religiosa é como uma xícara de café: não é boa senão quente.

Wesley sempre se sentia deprimido se, como os comentários do seu *Diário* mostram, não conseguisse causar

emoção: *"Mortos como pedras, perfeitamente quietos e perfeitamente desinteressados". "Preguei na capela de Rotherhithe, um lugar frio, sem conforto, a um punhado de pessoas que pareciam tão afetadas pelo sermão quanto os bancos em que se sentavam."*

Por outro lado, uma reunião de sucesso era "viva", ou havia uma "vibração agitada nos ossos frios". Wesley poderia afirmar que em uma reunião de testemunhos ele sempre sabia se estava ouvindo a um metodista se ele começasse seu testemunho com as palavras: "Eu sinto..."

Depois do amor, os sentimentos específicos mais mencionados são o gozo e a paz. *"Todos os crentes deveriam encontrar prazer na vida"*, escreveu Wesley. Ele jungiu (**uniu, atou, ligou**) a santidade à felicidade, acreditando que um indivíduo verdadeiramente devoto não pode ser infeliz, porque os propósitos de Deus não são de que sejamos miseráveis; já os maus não podem ser permanentemente felizes. O Espírito de Deus não traz somente alegria, mas, também, calma. Como escreveu Wesley, depois que o vento se acalmou na viagem de regresso da Geórgia:

"Não posso conceber qualquer diferença comparável à que existe entre um mar calmo e um furioso, mas há diferença entre a mente acalmada pelo amor de Deus e a mente agitada pelas tempestades das paixões terrenas".

Os sentimentos puros são como as boas obras: um subproduto, um sintoma de saúde da alma. Se vivemos corretamente em nossas relações verticais (**com Deus**) e horizontais (**com o próximo**), sentimos-nos bem. Mas estes sentimentos não devem jamais ser procurados como um fim em si mesmos (**eles são uma consequência e não um alvo**). Eles não existem para que os busquemos, tão somente. Phillips Brook escreveu certa vez:

"Não dê valor ao sentimento que não seja filho da verdade e pai do dever".

Wesley concordaria com isto. Os sentimentos genuínos surgem espontaneamente de nossa percepção, pela fé, da bondade divina e tornam-se, em troca, um gerador de boas obras.

D) A santidade inclui a *salvação da mente, a libertação da grosseria e da falta de conhecimento da cultura*. O evangelismo que agradece a Deus por sua ignorância e ridiculariza a aprendizagem não tem o apoio de João Wesley. Ele reunia seus pregadores incultos das minas e carpintarias e ensinava-lhes teologia sistemática, lógica e retórica, como fazia com seus alunos em Oxford. Ouça as suas instruções sobre a leitura:

“Falamos ou lemos sobre história, ou qualquer outra coisa que esteja à mão. Devemos, absolutamente devemos curar este mal, ou trair a causa de Deus. Mas como? Leia os livros mais úteis, regular e constantemente. Gaste toda a manhã, ou pelo menos cinco horas em cada 24 neste empreendimento, com constância. "Mas eu leio somente a Bíblia." Então você só deve ensinar aos outros a ler a Bíblia, e por amor à congruência, ouvir a Bíblia tão-somente. Mas, neste caso, você não precisa pregar mais. Assim fazia George Bell. E qual foi o fruto? Ele não lê mais a Bíblia nem coisa alguma. Isto é entusiasmo grosseiro. Se você não precisa de qualquer outro livro além da Bíblia você é superior a São Paulo. Ele desejava outros livros também. "Traga os livros", diz ele, "mas, especialmente os pergaminhos", aqueles escritos em pergaminho. "Mas eu não tenho gosto pela leitura". Adquira o gosto pelo desenvolvimento do hábito, ou volte para seu ofício. "Mas eu não tenho livros". Eu lhes darei livros, a cada um vocês, tantos quantos forem capazes de ler, livros no valor de 5 libras...”

Ele estava interessado nas boas maneiras metodistas. Disse

a um amigo, certa vez, que sua mãe costumava trazer um professor de dança à reitoria para que ensinasse boas normas sociais à família. Wesley confessou que se se pudesse arranjar um, ele ficaria "*contente em poder ensinar a todos os seus pregadores, mesmo por um professor de dança, a fazer uma saudação e a entrar e sair de um aposento*". O cronista da sociedade inglesa deve ainda fazer justiça pelo soerguimento cultural que o evangelista Wesley trouxe às multidões de seus patrícios.

E) Finalmente, a salvação inclui, para Wesley, *a salvação do corpo*. "Visto que o pensamento", escreveu ele, "é o ato de um espírito encarnado, que toca num jogo de chaves materiais, não é estranho que a alma produza música grotesca quando seu instrumento está desafinado".

Wesley percebeu, muito antes da ênfase psicossomática da medicina moderna, a conexão íntima entre a saúde espiritual e a cura física. (Há um caso notável em seu *Diário*, em 12 de maio de 1759, sobre uma mulher cuja tristeza causava dores estomacais).

Assim, Wesley pregava um evangelho de boa saúde. Ele dava conselhos sobre dietas e higiene. Incluía a medicina em seus sermões. Fato interessante é que ele recomendava a seus ouvintes que fossem "eletrificados" como terapia para as desordens nervosas, uma antecipação dos tratamentos posteriores da medicina por meio de "eletro-choques". O ideal de Wesley era o antigo, mas ainda válido lema: "mente sã em corpo são".

Para concluir, a salvação, para o pai do Metodismo, significava uma dedicação harmoniosa de toda a personalidade (todo apetite do corpo, toda paixão, desejo e sentimento espiritual, sozinhos ou combinados, **a dedicação da pessoa por inteiro**) para a glória de Deus e bem-estar do ser humano.

2 - Estendeu-a a toda a humanidade

Wesley não apenas estendeu o ideal cristão para abraçar a vida integral do indivíduo, mas o aplicou à humanidade toda. O amor que pregava incluía todos os seres humanos.

Wesley escreveu a seu amigo dr. Middleton, de Bristol:

“Um cristão é cheio de amor pelo seu vizinho, de amor universal, não confinado a um partido sectário, não restrito àqueles que concordam com ele nas opiniões, nas formas externas de adoração, ou àqueles que estão ligados a ele por sangue ou recomendados por proximidade de lugar. Nem ama ele somente àqueles que o amam ou que lhe são caros pela amizade íntima. Mas seu amor se parece com o de Jesus, cuja misericórdia está acima de suas obras. Eleva-se por sobre os limites estreitos, atingindo vizinhos e estranhos, amigos e inimigos”.

Para empregar a frase mais famosa de Wesley, o mundo foi a sua paróquia, não a raça branca, não os ingleses, não os metodistas – o mundo, a humanidade como um todo.

A salvação que pregava era para todos. Sua doutrina era selada com a graça universal: *todo ser humano pode ser salvo*. Sua teologia contrasta agudamente com a do Calvinismo, vigente em seu tempo. O Calvinismo é essencialmente uma teoria do privilégio: algumas pessoas estão predestinadas à bênção eterna, e grande parte, à condenação eterna. Wesley, ao contrário, ensinou que Cristo morreu por todas as pessoas e que todos são livres para aceitar esta salvação. A fé é um dom de Deus, mas é um dom estendido imparcialmente a todas as pessoas. Todo ser humano, desde "o miserável que rasteja na terra", é um filho em potencial de Deus.

Note que Wesley pregava um evangelho de graça universal

e não de bondade humana universal. Ele não olhava ingenuamente para a humanidade. Não havia pregado às massas em vão. Assim como o Senhor Jesus, ele sabia quão delgada (**sutil, fina**) é a linha que separa o humano do animal irracional. Percebeu que nossa cultura vaidosa não é senão uma clareira na floresta de nossa natureza animal. Mas, embora os filhos de Adão sejam pecadores, Wesley sabia que tinham um Salvador. Ninguém precisa recolher-se à sua miserabilidade, porque há Alguém que cuida de nós muito mais abundantemente do que podemos avaliar.

Nada é impossível para Deus. Para Ele tudo é possível. Assim como o pastor encontrou a ovelha perdida, o pródigo foi induzido a voltar quando pensou na casa paterna, o coletor de impostos persuadido a restituir quadruplicadamente e a adúltera enviada a não pecar mais, assim Deus, com seus infinitos recursos redentores é capaz de salvar a mais desgraçada alma. Ele pode aquecer corações frios como gelo e fazer rios caudalosos banhar regiões secas e estéreis. Esta fé no poder de Deus para salvar o homem manteve Wesley firme em sua vocação.

Uma das lições da longa vida de Wesley foi: nunca se desesperar por qualquer filho de Deus. Ele havia visto fracassados serem, mais tarde, restaurados. Muitas vezes havia observado sociedades declaradas "sem esperança" erguerem-se novamente. Havia testemunhado seus convertidos crescerem em graça de visita em visita. Havia pregado em comunidades que nunca antes tinham ouvido o evangelho e viu pessoas levantarem-se ante os chamados da graça. Homens e mulheres idosos, supostamente imunes à redenção, derreteram suas velhas e duras naturezas e forjaram-nas outra vez. Muitas vezes ele ficou surpreso com o resultado feliz de pregadores inicialmente pouco promissores. Na verdade, ele mesmo se surpreendia em certas ocasiões com seu próprio crescimento na graça. Depois de um culto em Glasgow ele escreveu em seu *Diário*: "Certamente para Deus nada é impossível. Quem teria crido há vinte e cinco anos atrás que o ministro (**pastor**) teria desejado ou que eu tivesse consentido em

pregar numa igreja escocesa?" "Nunca tenha medo de esperar demais de Deus", foi a conclusão que tirou de seus esforços evangelísticos.

O otimismo de Wesley é tão psicologicamente sadio quanto teologicamente válido. Tornamo-nos aquilo que imaginamos ser. Se insistimos que somos depravados, há muitos elementos em nossa estrutura humana que confirmarão a baixa apreciação. Mas se assegurarmos diante da humanidade uma visão altaneira de seu destino no caminho de Deus, ela terá uma capacidade igualmente verificável de entregar-se a Ele. Certo de que não podemos obter perfeição nesta vida, João Stuart Mill criou um provérbio valioso: "*Aquele de quem nada se espera, jamais fará tudo o que pode*". O ser humano cresce à medida que procura atingir o impossível.

Numa época em que o neocalvinismo está, mais uma vez, no centro da teologia, os metodistas devem lembrar o bom êxito de João Wesley antes de fazerem estimativas sombrias a respeito da natureza humana. É possível que tudo quanto Calvino ensinou a respeito do estado atual do homem não seja pessimista demais, mas, da mesma forma, nada do que João Wesley ensinou a respeito do poder de Deus para redenção do homem é otimista demais. O evangelista metodista ganhou o direito à última palavra.

3 - Estendeu-a à totalidade do tempo

Wesley expandiu ainda a experiência de redenção relacionando-a não somente à natureza e à raça humanas em sua integridade, mas à *totalidade do tempo*. A salvação significa, antes de tudo, constância na vida. O verdadeiro discipulado cristão nunca foi coisa de veneta, com começos e interrupções. O ideal é ser sempre o que somos apenas ocasionalmente (ou seja, agir como verdadeiros cristãos não apenas ocasionalmente, mas o

tempo todo!).

Wesley recomenda:

“Não permita que o amor o visite como um visitante em trânsito, mas que ele seja o tempero constante de sua alma. Veja que seu coração esteja cheio em todas as épocas e em todas as ocasiões com benevolência real e jamais fingida, não somente àqueles que o amam, mas para com todos. Deixe o amor palpitar em seu coração, faiscar em seus olhos, brilhar em todas as suas ações. Quando quer que você abra seus lábios, faça-o com amor, e coloque na língua a lei da bondade.”

A salvação significa crescimento constante na graça. Em seus primeiros anos de ministério, Wesley falou muito sobre a santificação instantânea. Mas, à medida que desenvolvia este assunto, ficou claro que ele jamais pretendeu descartar o crescimento gradual. Ele teve que admitir que havia um trabalho gradual precedendo a operação instantânea da graça, e um crescimento conseqüente. A perfeição veio a coincidir mais e mais com a "*perfectibilidade*" (**suscetível de perfeição ou aperfeiçoamento**).

Quando perguntaram a Wesley, cerca de dois anos antes de sua morte, se era verdadeiro o rumor segundo o qual ele "afirmava estar limpo de todos os pecados", replicou, muito significativamente:

"Não posso dizer se todos os pecados me foram tirados do coração, nem a possibilidade de ofender o Espírito de Deus; nem penso que amo a Deus ou ao próximo como deveria. Sou fraco, mas Deus é minha força. Vivo pela fé".

Wesley estava ainda no processo de crescimento na graça. Este desenvolvimento alcança finalmente a eternidade numa

cadeia áurea de três elos, para usar uma expressão de Wesley – o perdão, a santidade e o céu. O crescimento espiritual do ser humano aponta para a imortalidade. "Como pode entrar na mente de um homem", pergunta ele em seu tratado sobre o assunto, "que a alma capaz de tão grande perfeição ou de receber novos melhoramentos para toda a eternidade, fique reduzida a nada, tão logo seja criada? São estas habilidades feitas para um propósito tão mesquinho?" Não, os rudimentos desta vida serão traduzidos em um clima bastante propício onde florescerão para todo o sempre.

Salvação para todo ser humano e a todos em todo o tempo
– este é o ideal de Wesley.

Se a experiência da redenção (Capítulo I) é a razão para o apelo de Wesley à Inglaterra do século XVIII, o grande alcance de suas implicações, exposto neste capítulo, explica a permanência (**continuidade, constância**) do seu movimento. Ele colocou a perfeição em tal altura que ninguém jamais poderia dizer que a tinha alcançado, superando o ideal de Wesley para mais um desafio. Seu ideal é como a injunção do Mestre para que sejamos perfeitos como o Pai é perfeito. Se Cristo houvesse meramente dito "faça o melhor possível de acordo com as circunstâncias", seu preceito dificilmente teria sobrevivido à sua geração. Mas, a perfeição como a de Deus — isto tem prendido a lealdade das pessoas pela sua grande magnificência.

O ideal de Wesley nos impressiona também pela sua abrangência. É muito difícil focalizar a atenção de alguém durante muito tempo em um único ponto. Isto é bem mais fácil se o objetivo for um panorama e, mais cativante ainda, se estiver em movimento. Assim, o ideal de Wesley de uma salvação total marchando para a eternidade é suficientemente largo e dinâmico para prender o interesse das pessoas.

A experiência de redenção como o princípio de intensidade, e seu desenvolvimento ao infinito, como o princípio de abrangência — tudo isto junto explica o êxito de Wesley. *Ele colocou a devoção de um fanático por trás de um ideal compreensivo* e, assim, ambos efetuaram uma revolução religiosa, e a perpetuaram.

Capítulo IV

A combinação de expansão e intensidade

Além da redescoberta da redenção bíblica e do desenvolvimento da experiência da salvação, um terceiro fator que contribuiu para a realização do trabalho de Wesley foi que ele expandiu seu evangelismo com métodos que combinavam a expansão com a intensidade. Wesley foi um impertinente. Ele julgava pelos resultados – a salvação das almas era o termômetro do sucesso. "*Observo o mais significante pormenor*", escreveu ele, "*exceto quando a salvação das almas está em jogo. Então, prefiro o fim aos meios.*" Isto é, ele preferia os meios honrosos, mas a decisão final deve sempre repousar na eficiência de um método na redenção do ser humano.

Ele aplicava sua norma em todas as direções – à verdade em primeiro lugar. Lia livros sobre filosofia e seu comentário era "*cui bono?*" O livro é bom? Traz algo de bom ao ser humano? Ele concordava com o ditado de sua mãe, que dizia que há algumas verdades indignas de serem conhecidas, porque ninguém é tão bom que possa conhecê-las. Ele aplicou sua norma à arquitetura e chegou à conclusão de que a melhor forma para uma igreja é a octogonal. Embora possa parecer uma monstruosidade estética, é o melhor para propósitos evangelísticos.

Ele era flexível em seus métodos. Assim como o apóstolo

Paulo, desejava ser tudo a todas as pessoas para que pudesse salvar algumas (1 Coríntios 9:22-23) . Era melhor fazer uma boa coisa por métodos imperfeitos do que não fazê-la. Ele teria apreciado muito a resposta de Moody a um espectador que criticava seus métodos: "*Aprecio muito mais a minha maneira de agir do que a sua maneira de não agir*". Assim, Wesley ajustava seus horários de culto às conveniências de seus ouvintes. Pregava em um horário pouco ortodoxo, às cinco horas da manhã, porque descobriu que podia reunir uma multidão àquela hora. A duração e a ordem eram adaptados ao humor que encontrasse ao chegar. Ele percebia as diferenças de cada comunidade e prescrevia sua homilética medicinal com a competência de um médico habilidoso. Embora fosse professor de Oxford, não havia pedantismo em Wesley. Era inflexível quanto aos objetivos e absolutamente flexível em relação aos meios para atingi-los.

Mas o fato mais significativo acerca de seus métodos evangelísticos foi que ele combinou a expansão com a intensidade. "Devemos construir com uma das mãos", escreveu ele, "enquanto lutamos com a outra. E esta é a grande obra, não somente levar almas a crer em Cristo, mas edificá-las em uma fé mais santa." Isto é, o evangelismo envolve tanto a busca de novos membros para a Igreja, quanto o seu cultivo. É inútil levar as pessoas a tomar decisões e depois deixá-las retornar aos seus velhos hábitos. Wesley desenvolveu suas próprias técnicas (novas naquele tempo) para expandir e conservar o impulso redentor.

A. Expansão.

O primeiro ponto a se notar na expansão é que Wesley sentia ser de seu dever levar o evangelho ao povo. Ele não foi igual a João Batista, que se estabeleceu no deserto e esperou que as pessoas fossem até ele. Ele se parecia com Jesus, que

centralizou seu ministério na Galiléia, a região mais povoada da Palestina, para levar essa mensagem diretamente aos cidadãos da terra. Wesley invadiu cidades e vilas, quebrando as muralhas do mal, atacando de frente. A forma mais característica (e mais sensacional) de levar o evangelho ao povo de seus dias era o que ele chamava de "pregação no campo", isto é, pregação ao ar livre, nas ruas de uma cidade, na praça de uma igreja, num parque ou nas estradas. Quando Wesley usava sua famosa exortação para pregar o evangelho "na cara do sol", era isto mesmo que ele queria dizer, evangelismo ao ar livre.

A pregação ao ar livre passou por três estágios - no julgar de Wesley. A princípio ele achava inconveniente. As igrejas estabelecidas lhe fecharam as portas em um tipo de acordo restritivo contra ele. Visto que no começo não tivesse lugar onde pregar, teve que se mudar. Era-lhe extremamente doloroso porque a pregação ao ar livre "não existia" naquele tempo. Mas Wesley não era como o gato da velha fábula que queria comer o peixe, mas não queria molhar a pata. Este pregador desejava salvar almas, e estava disposto a sofrer todas as inconveniências e opróbrios (**desonras, injúrias, afrontas, vergonha**) para obtê-las. *"Gosto de uma sala confortável", disse ele, "de uma almofada macia, de um púlpito bonito; mas onde está o meu zelo se não desprezar tudo isto para salvar mais uma alma?"*

Depois de pregar ao ar livre por algum tempo, passou a considerar este meio de pregação um expediente providencial. Ele podia alcançar muito mais pessoas que em qualquer igreja. Finalmente, viu que a pregação ao ar livre era uma tática necessária. Sentia que a obra evangelizadora permanecia imóvel ou retrocedia nos lugares em que não havia a pregação ao ar livre. Censurava seus pregadores por *"encerrarem-se (**ficarem fechados**) numa sala"* enquanto as massas esperavam do lado de fora. Sua receita infalível para as sociedades anêmicas veio a ser a pregação ao ar livre.

Como já dissemos, a confiança de Wesley para a expansão do Reino estava na pregação do evangelho, dentro dos templos ou fora deles. Wesley pregava 800 vezes por ano, mais do que 15 vezes por semana. "*Na verdade, vivo pela pregação*", dizia ele.

Quando o bispo de Londres o acusou, dizendo que os metodistas desertavam dos "ofícios" (as atividades regulares da igreja, nelas incluídos os cultos e outras reuniões da igreja), Wesley replicou que havia freqüentado os "ofícios" durante anos. No entanto, durante todo esse tempo não esteve mais cômico do amor de Deus do que uma pedra. Centenas e milhares estavam prontos para testificar o mesmo. Só quando a pregação sobre a remissão dos pecados foi adicionada aos ofícios da Igreja é que se atingiu os verdadeiros objetivos da devoção.

Há uma reação em nossa época contra a pregação. Há quem diga, aqui e ali, que a pregação está fora de moda. No entanto, penso que não poderemos esperar um reavivamento religioso em grande escala por outro processo qualquer. O aconselhamento, que se prefere hoje em dia, sem dúvida é essencial. Mas, o aconselhamento, por sua própria natureza, não pode alcançar as massas dos não convertidos. Wesley pregava a mais pessoas numa única reunião ao ar livre que um ministro-conselheiro em um ano. O aconselhamento é um alimento espiritual superior, mas não serve para a expansão do Reino. Há uma grande necessidade de organizadores na igreja. Mas é preciso haver pessoas para serem organizadas. E a pregação as chama para a Igreja. Os comitês de relações pastorais (o autor está falando da Igreja do presente, visto que nos tempos de Wesley não havia, ao que se saiba, esse comitê nem nenhum outro. Naquele tempo, igreja não escolhia pastor), às vezes, solicitam um "pastor social" (um pastor cuja maior e às vezes única característica é ser simpático e boa praça). Mas nenhum deles jamais provocou um reavivamento. A pregação ainda é o principal instrumento do Protestantismo para a expansão do Reino.

Wesley nos diz que tinha quatro anseios em cada sermão:

1 - "**Convidar**", isto é, concitar seus ouvintes de maneira conciliadora a atender à sua mensagem. Ele quase sempre atingia esse fim criando um senso de necessidade, algo que um pregador perito em solucionar problemas de nosso tempo deveria fazer.

2 - "**Convencer**" sobre a verdade do evangelho. Wesley sempre se esforçou para estender a verdade de sua idéia a seus ouvintes de maneira mais simples. Para isto, cultivava deliberadamente um estilo fácil, evitando a prolixidade. Admiramo-nos por Wesley praticamente não ter usado ilustrações, como os evangelistas em geral gostam de fazer. Ele retesava o arco e atirava direto ao alvo, sem qualquer digressão. O testemunho universal quanto à sua pregação era: primeiro, as pessoas diziam, "Isto é a verdade"; e segundo, "Ele está falando diretamente a mim".

3 - "**Oferecer a Cristo**" – não como uma figura teológica, mas como uma resposta à necessidade particular da pessoa humana. Este era seu dever contra muita da chamada "pregação do evangelho" (**pregação do evangelho "entre aspas", ou seja, falsa, superficial**): *"Se um animal insolente, atrevido e sem graça nem senso, berrar alguma coisa sobre Cristo, seu sangue, ou sobre a justificação pela fé, seus ouvintes gritam: 'que belo sermão evangélico!'"* ". Com Wesley não era assim. Ele sempre estabelecia a conexão entre Cristo como solução para o problema ético em questão.

Wesley, certa vez, advertiu seus pregadores, num famoso sermão, contra a pregação de Cristo como nosso Sacerdote Altíssimo, esquecendo-se que Ele também é Profeta. Wesley nunca dispensou muito tempo em seus sermões a doutrinas a respeito de Cristo. Ele nunca estabeleceu distinções supérfluas, nem salientou pontos dúbios, nem brincou com quebra-cabeças cristológicos. Ele oferecia a Jesus como Salvador.

4 - "**Construir**" – Deixar que as pessoas fossem se sentindo melhor. Ele não se aproximava de suas congregações com o humor despótico (**indigesto, difícil de digerir, mal humorado, raivoso**) de alguns evangelistas. Numa época em que a regra era se pregar sobre o fogo do inferno, ele era bastante restrito em suas admoestações sobre os "terrores do Senhor". Acreditava, assim como o Senhor, que mais pessoas eram trazidas ao arrependimento ao contemplar a beleza da "santidade" que ao habitar na feiúra do pecado. Wesley sabia (para usar uma figura de linguagem de Phillips Brooks) que apesar de ser preciso cortar uma árvore pela raiz para que ela cresça com muito mais viço, um campo de tocos não é o ideal. Ele achava que a pregação negativa é inútil. *"Não é possível que aquele que está fechado às razões do amor, obedeça a Deus pelo medo"*. Na verdade, a pregação acusatória pode ser muito maléfica. Ao falar sobre a situação de Edimburg, em uma de suas visitas, ele diz o seguinte:

“Fiquei triste por encontrar tanto a sociedade como as congregações, menores do que quando aqui estive pela última vez. Atribuo isto principalmente ao meio de pregação que em geral tem sido usado. Os crentes têm sido admoestados freqüente e fortemente pela sua frieza, pela indiferença e pequenez de fé. Raramente a pregação tem sido sobre algo que os leve à gratidão. Por isso, muitos se dispersaram e os remanescentes mantiveram-se frios e indiferentes.”

A pregação de Wesley era positiva - ela edificava. No que diz respeito aos seus métodos homiléticos (**de pregação**), diversos itens são dignos de nota:

a) **Ele baseava seu sermão na Bíblia.** Quase sempre tomava um texto, ocasionalmente um capítulo ou um livro das Escrituras. Parece ter seguido o ano eclesiástico, falando sobre os Evangelhos e Epístolas designados para o dia. Seu costume, depois de selecionado o tema, era o de comparar todas as

passagens paralelas da Escritura, sobre o mesmo assunto. Isto significa que, quando falava, as pessoas ouviam, pela palavra do texto e sua mensagem, o conselho completo do Senhor. Seu domínio da Bíblia era tal que pregava seus sermões - é o que ele nos conta - somente com o texto das Escrituras nas línguas originais. As "traduções modernas", as concordâncias, os comentários, os compêndios de ilustrações - toda a parafernália do pregador moderno brilhavam pela ausência (**não estavam presentes**) no estudo de Wesley.

b) Escrevia seus sermões por completo, e depois os pregava de improviso. Seus esboços - que consistiam, normalmente, de três pontos - são modelos do tipo definido e preciso da estrutura que somente o trabalho cuidadoso com a pena (**com a escrita, com a preparação e a redação do sermão**) pode produzir. Nos primeiros tempos lia seus sermões, mas certa vez, esqueceu-se de levar seus manuscritos e teve tal espontaneidade de palavra que nunca mais voltou a ler. Mas escrevia suas mensagens do começo ao fim, deixando-as no gabinete quando subia ao púlpito.

Quantos evangelistas, imagino eu, escrevem (**preparam**) seus sermões?

c) Sua pregação era em forma de conversa. Nunca falava acima da altura natural de sua voz. Os discursos bombásticos lhe eram aborrecidos. Ele condenava sem compaixão os pregadores que usassem o tom exaltado, que ele chamava de "gritaria". Aqui estão algumas palavras endereçadas a João King, um de seus pregadores:

“Não grite mais, para perigo de sua alma. Deus agora o avisa por intermédio da minha pessoa, que Ele enviou para o orientar. Fale tão ardosamente quanto puder, mas não grite. Fale com todo o coração, mas com voz moderada. Foi dito de

nosso Senhor: "*Ele não abrirá sua boca*". O que significa exatamente isto: "*Ele não gritará*"... Por isso, seja meu seguidor como o sou de Cristo. Constantemente falo alto, muitas vezes veementemente, mas jamais grito, nunca me excedo. Sei que seria um pecado contra Deus e minha própria alma.

d) Ele se esforçava por manter todo o culto - o sermão, os hinos e as orações - dentro do período de uma hora. Quando uma senhora na Irlanda lamentou a duração dos cultos metodistas, ele replicou:

“Se qualquer pregador exceder-se no tempo (cerca de uma hora) espero que a senhora lhe chame a atenção para a regra metodista. As pessoas imaginam que quanto mais longo é o sermão, um bem maior ele fará. Isto é um grande erro. O bem realizado na terra, Deus o faz por Si; e Ele não precisa que usemos muitas palavras.”

e) Ele dependia menos de um grande esforço do que do efeito acumulativo de muitos sermões. "Pregar uma única vez em um lugar", disse ele, "raramente traz algum bem". Nunca teve a ilusão de que a guerra contra o mal pudesse ser ganha por uma "*blitzkrieg*" (palavra do idioma alemão que significa guerra-relâmpago, ataque-relâmpago; no texto empregada com o sentido de "uma única batalha"). Ele sabia que era uma guerra de atrito, em que a vitória pertence a quem resiste mais. Nunca concebeu o evangelismo como uma manifestação solitária que varreria milhares de pessoas para dentro do Reino de um só golpe. Ao contrário, ele contava com o poder de muitos golpes, pequenos e sucessivos, para derrubar a cidadela do mal.

Ele visitou Wales 46 vezes em missões evangelísticas, a Irlanda, 21 vezes; a Escócia, 22 vezes. Colocava em sua estratégia de pregação a sabedoria colhida numa conversa entre seus pais a

respeito dele mesmo. "Susana", disse Samuel à sua esposa, "maravilho-me com a sua paciência. Você falou àquela criança vinte vezes a mesma coisa". Ao que Suzana Wesley replica: "*Se eu estivesse satisfeita depois de repetir a coisa somente dezenove vezes, teria perdido todo o meu tempo. Foi a vigésima vez que coroou as demais*".

f) **Ele empregava o cântico em conjunto (cântico congregacional, a música cantada por toda congregação) para reunir a multidão, criar o clima e reforçar a mensagem.** Frequentemente lemos nos registros do reavivamento evangélico: "*Ele reuniu uma congregação pelo cântico e, depois de orar, começou a pregar*". Uma vez reunida a multidão, o cântico derretia o povo, preparando-o para a modelagem do pregador. Ou - para mudar de figura, e de idéia - o poder emocional do cântico em conjunto supria (**fornecia**) a pólvora que impulsionava a bala da pregação cuidadosamente preparada por Wesley.

Wesley insistia em que o cântico deveria ser uníssono. Ele tinha uma prevenção inflexível contra pequenos coros e grupos orfeônicos: "*Um intolerável insulto contra o senso comum e inteiramente incompatível com qualquer devoção*".

Os cânticos ajudavam a mensagem da pregação de outra maneira. Os metodistas aprenderam muito de sua teologia por meio dos hinos, que apresentavam as Escrituras e as doutrinas, não como dogmas a serem aceitos, mas como uma experiência brilhante a ser gozada.

O bispo McConnel observou certa vez, que Wesley nunca se deu ao trabalho de refutar seu contemporâneo, David Hume, o céptico. Wesley fez a Inglaterra cantar, e as ondas de emoção, derramando-se de milhares de corações vindos da morte para a novidade da vida, varreram os sofistas (**os que faziam críticas com argumentos falsos ou que usavam de má fé,**

enganadores, impostores).

B. Intensidade.

O que nos impressiona quando estudamos a obra de Wesley na expansão do Reino é a persistência tenaz com que ele trabalhava para conservar o que alcançara. Ele não estava contente, como George Whitefield, meramente em "pregar e esperar o melhor".

Wesley consolidou seus ganhos e ao fim tinha uma instituição em troca de suas obras. No final de sua vida, Whitefield reconheceu a superioridade da tática de Wesley quando disse:

"Meu irmão Wesley agiu sabiamente. As almas despertadas em seu ministério ele as reuniu em classes, e assim preservou o fruto de seu trabalho. Isto eu negligenciei e meus convertidos são uma corda de areia."

Na programação de Wesley a visitação pastoral ocupava o primeiro lugar. Ele a considerava trabalhosa, mas realizou-a fielmente, porque a considerava absolutamente essencial para a construção do seu movimento. Encontramos registros como estes em seu diário:

"29 de dezembro de 1758. Cheguei a Colchester. Achei que a Sociedade havia diminuído... e, no entanto, tivera muito bons pregadores. Mas isto não é suficiente. Por repetidas experiências temos aprendido que embora um homem pregue como um anjo, ele não formará nem preservará uma sociedade já formada, sem visitar seus membros de casa em casa."

“5 de junho de 1772. Depois de um exame, verifiquei que a sociedade de Newcastle está menor que há dois anos atrás. Não imputo isto a nada senão à falta de visitaçãõ de casa em casa, sem a qual as pessoas não crescerãõ em número ou graça.”

“12 de janeiro de 1774. Comecei pelo leste da cidade a visitar a Sociedade de casa em casa. Não há outro campo de atividades pastorais de maior importância que este. Mas é tão penoso à carne e ao sangue, que não posso induzir senão poucos pregadores a realizá-lo.”

Ainda hoje temos grande dificuldade para convencer nosso clero de que não há melhor meio de construir uma igreja senão visitando de casa em casa.

O que Wesley aspirava com sua visitaçãõ? Na maior parte ele consolava os doentes e os moribundos, e estabelecia amizade entre o rebanho e o pastor.

"Não posso compreender", escreveu ele, "como pode um ministro deixar seu trabalho com alegria, a menos que (como Inácio avisou) ele 'conheça todo o rebanho pelo nome; não se esquecendo dos criados e das criadas'."

Além destes propósitos pastorais convencionais, Wesley tinha outros três que lhe eram próprios:

1) Procurava insistentemente os indícios de pessoas que tivessem sido movidas pelo Espírito Santo durante suas reuniões, e cercava-as de imediato com o seu carinho e visitaçãõ pastoral;

2) Empregava a visitaçãõ para disciplinar as sociedades. Começava em um extremo da cidade e continuava pelos lares metodistas de seis em seis, examinando a vida cristã de seu

rebanho e resgatando os que "andavam desordenadamente", como ele dizia.

3) Usava estas visitas para “apagar fogos”, constantemente acesos pelo ciúme ou tagarelice, que ameaçavam consumir suas sociedades. Procurava especialmente aqueles que haviam se afastado de seus grupos, perguntava-lhes diretamente sobre seus motivos, e tentava levá-los de volta ao rebanho.

Wesley, o evangelista, não pode ser compreendido à parte de Wesley, o pastor.

Sua visitação, no entanto, funcionava como um auxílio na a organização e manutenção da sociedade, seu instrumento principal na conservação dos efeitos do reavivamento. Logo que uma pessoa era despertada pela convicção do pecado, ou mostrava-se interessada pela religião, era arrolada numa sociedade. Este era o grupo total de metodistas da comunidade. A sociedade mantinha cultos, reuniões de testemunhos, festas de amor, embora seus membros devessem, também, participar dos rituais da Igreja Anglicana.

Quando uma pessoa dava evidência de justificação, ou entrada na vida cristã, tornava-se membro de uma classe. Esta era uma unidade menor da sociedade, com cerca de 12 pessoas, sob o cuidado pastoral de um líder. Esta pessoa, de madura experiência cristã, visitava seus convertidos em intervalos regulares – uma visita por semana era o ideal – e examinava suas almas. Estes líderes faziam relatórios periódicos sobre o progresso espiritual de seus membros a Wesley. (Para um relatório esclarecedor de um antigo líder de classe, João Hague, ao seu chefe, veja o *Diário* – 2 de fevereiro de 1756.)

Aqueles que desejavam uma comunhão religiosa mais íntima eram colocados em pequenos grupos formados por pessoas de mentalidade parecida que se reuniam durante a

semana para uma discussão religiosa. Em geral, o líder começava a reunião falando sobre a condição de sua alma. A partir dele, cada pessoa confessava seus pecados, relatava as tentações sobre as quais havia triunfado, e expunha seus problemas para que o grupo lhe oferecesse algum conforto. Depois havia pequenos grupos seletos, pequenos seminários de santidade, de intimidade ainda maior, que conscienciosamente procuravam reproduzir a comunhão e dependência mútua dos apóstolos primitivos. Estes grupos variados, organizados por Wesley com incrível atenção aos pormenores, são o que o dr. Dale, de Birmingham, na Inglaterra, chamou certa vez, de "*uma contribuição marcante e original do Metodismo às instituições da Igreja*".

Estes grupos de Wesley não eram opcionais. Eram parte do currículo exigido para o aprendizado religioso. Ele nunca reconheceu qualquer circunstância pela qual uma pequena sociedade não pudesse funcionar, e não aceitava desculpas de um pregador que pensasse que podia passar sem elas. Para Wesley, uma reunião de avivamento sem uma classe para conservar a obra era tão inócua quanto, para um fazendeiro, era a ceifa do campo sem a preocupação de se amarrar os feixes e recolhê-los.

A participação dos leigos na comunidade de Wesley é algo especialmente digno de nota. Os líderes de classes, os ecônomos que cuidavam dos interesses financeiros, a maioria dos pregadores, eram leigos.

Nenhuma outra grande denominação usou mais os seus leigos do que Wesley. Grande parte do gênio do Metodismo é devida à maneira pela qual Wesley abriu a boca dos leigos e lhes atribuiu grandes responsabilidades espirituais. Calcula-se que na Inglaterra cinco dentre sete cultos metodistas são dirigidos por leigos. Wesley abriu um grande reservatório de vitalidade religiosa e canalizou-a para o seu movimento. Este "poderoso

exército" tem feito um trabalho que em magnitude, nenhum outro pequeno grupo do clero profissional, por mais capacitado e treinado que seja, pode igualar.

No uso (**reconhecimento e promoção do ministério**) dos leigos e no desenvolvimento das sociedades religiosas, suplementando o culto e a pregação, temos a oportunidade suprema para desenvolvimento dos crentes, em nossa geração.

Uma dificuldade na Igreja Protestante é que desde que a pessoa se torna membro, não há lugar que possa frequentar. Ela pode ensinar na escola dominical, cooperar em campanhas financeiras, auxiliar em reuniões; mas não há uma sociedade (**como nos tempos de Wesley**) para o cultivo da vida religiosa. Talvez não possamos fazer reviver as sociedades de Wesley, mas devemos encontrar o seu equivalente moderno. As "células" de nossa Fundação Wesley (organização que funciona nos campi universitários para atender especialmente as necessidades religiosas dos estudantes metodistas), os grupos de leitura da Bíblia, os seminários após o culto, os locais de encontro em cada vizinhança – tudo sob a liderança dos leigos consagrados – têm a raiz da questão em si mesmo. Quando sentirmos a mesma urgência que Wesley tinha pela comunhão como alimento espiritual, os meios surgirão.

Além das Sociedades, Wesley desenvolveu três cultos caracteristicamente metodistas para o aprofundamento da vida espiritual.

CULTO DE VIGÍLIA

O primeiro era o culto de vigília, realizado todos os meses, originalmente na sexta-feira mais próxima da lua cheia, de modo que a congregação tivesse o máximo de luz para poder voltar aos respectivos lares. A prática parece ter surgido entre os mineiros de Kingswood que lembravam como estavam acostumados a passar seus fins de semana embebedando-se nas cervejarias na

época em que ainda não tinham se regenerado. Esta é a marca do gênio metodista, uma antecipação do "poder expulsivo de uma nova paixão", de Chalmers. Em vez de investir contra o uso de bebidas alcoólicas, Wesley devotou uma noite de cada mês ao Espírito.

CULTO DA ALIANÇA

A segunda inovação foi o culto da Aliança (reunião de testemunho). No primeiro domingo do ano, todos os metodistas eram convidados a participar de uma aliança coletiva prometendo devoção a Deus, com coração e alma. Este culto de grande solenidade tinha início com o hino de Carlos Wesley:

Vinde, usemos a graça divina
E todos com a mesma mente
Num testemunho perpétuo unamo-nos
Em Cristo, o Senhor".

Depois, esse culto continuava com momentos de adoração, ação de graças e confissão, e terminava com os membros da congregação colocando toda sua vida e posses à disposição do Altíssimo.

CULTO DA FESTA DO AMOR

O terceiro culto especial era a Festa do Amor. A maioria dos clérigos do tempo de Wesley ou relutava em admitir os metodistas à santa ceia ou os expulsava. Wesley não permitia que seus itinerantes não-ordenados administrassem os sacramentos. Para compensar a falta, Wesley revivia o antigo Ágape, ou festa de amor, da igreja primitiva. Era servido pão simples e água, esta servida em um grande copo que passava de uma pessoa para outra. O culto significava a união da sociedade em amor a Cristo e uns aos outros. Depois disso, passava-se aos testemunhos pessoais, tirando-se uma coleta para as despesas da ocasião. O que sobrava era dividido entre os pobres.

Estes cultos caracteristicamente metodistas nunca tomaram o lugar do uso constante dos meios de graça (Wesley no seu sermão sobre os meios de graças, canais pelos quais a graça chega até nós, nunca colocou o culto como um dos meios de graça. Na realidade, os meios de graça eram a oração, o jejum, a leitura e estudo da Bíblia e a Eucaristia). Wesley era, naturalmente, um homem de oração (vale a pena ler o livro "A vida devocional de João Wesley", de Steve Harper). O dr. Ronald Spivey, ministro da capela Wesley, em Londres, escreveu no prefácio ao seu diário, em 2 de dezembro de 1782: "Decidi dedicar uma hora, de manhã e à tarde, à devoção particular. Sem desculpas, discussões nem fingimentos" (Wesley recomendava aos seus pregadores pelo menos uma hora diária de atividade devocional privada).

Em seu 80º aniversário, numa época em que a maioria das pessoas dá uma trégua aos seus defeitos, Wesley ainda estava em luta espiritual contra o subcristão (um "cristão nanico", que não queria crescer) que morava dentro dele. Wesley era um ávido estudioso da Bíblia. Lia história, poesia, ou filosofia muito depressa, "mas," diz-nos ele, "não é desta maneira que trato as Escrituras; leio-as e medito nelas de dia e de noite". Comungava (participava da Ceia do Senhor) uma média de duas vezes por semana durante todo seu longo ministério.

Em seu famoso sermão sobre "os meios de graça", ele exortou seus seguidores a não negligenciarem nem descansarem nos meios de graça: estes exercícios são para aprofundamento espiritual, mas Deus não está limitado a qualquer um desses meios. Cada um deve encontrar seu caminho mais adequado à realidade religiosa.

Há algum tempo atrás, Arnold Toynbee, um notável historiador, escreveu que a apatia pode ser vencida pelo entusiasmo e que o entusiasmo pode ser inflamado somente por duas maneiras: uma é o ideal que impressiona a imaginação e a outra é um plano definido e inteligível para colocar o ideal em prática. Seu ditado tem forte apoio na experiência de João

Wesley. Nos dois primeiros capítulos mostramos como seu ideal sacudiu a apatia da Inglaterra do século XVIII. Nestes últimos parágrafos traçamos sua maravilhosa perícia para colocar em prática o seu ideal. O ideal e o real, o vôo alto da águia e a firme caminhada na terra – tudo isto conduziu ao maior empreendimento evangelístico da igreja moderna.

Capítulo v

A vitalidade disciplinada na evangelização

Wesley não somente concebeu o ideal evangelizador em termos tanto de apelo e compreensão, implementando-o eficientemente, como também "colocou por trás de seu esforço uma vitalidade disciplinada". Um empreendimento humano requer tanto poder vital como controle para que atinja seus fins. A vitalidade é para o ser humano o que o combustível é para o carro, enquanto a disciplina é como o freio e a barra de direção. A vitalidade sem disciplina é tão perigosa quanto um carro desenfreado. A história do Cristianismo está cheia de casos em que a evangelização surgiu devidamente abastecida de emoção, mas sem as restrições (**os parâmetros norteadores**) da moralidade ou do bom senso. Por outro lado, a disciplina sem vitalidade é tão inútil quanto um carro bem equipado sem combustível. O sucesso de Wesley baseia-se no fato de que ele uniu força e disciplina.

Ficamos admiradíssimos ante sua incomum resistência física. Aqui está um homem que pregou 40 mil sermões em sua vida, escreveu mais de trinta volumes, viajou mais de 4.500 milhas por ano a cavalo, até a idade de sessenta anos, cuidou de um trabalho de organização que teria prostrado um homem comum, e faleceu aos oitenta e nove anos.

Wesley nunca foi prisioneiro da sua carne (ou seja, as enfermidades, o envelhecimento nunca foram empecilho para Wesley no seu trabalho missionário). Seu corpo foi servo da sua vontade implacável. Sua força vital não decaiu senão nos últimos anos. Fazia um inventário de sua saúde em cada aniversário, e é uma história de força inabalável. Em seu 67º aniversário, afirmou que se sentia mais sadio do que quarenta anos antes. Em seu 72º disse que podia pregar melhor do que aos trinta e dois. Aos setenta e cinco anos registrou casualmente em seu *Diário* que deixou a diligência (carruagem) de Londres em Chatam: "*Preferi subir a montanha a pé, deixando que a diligência me seguisse. Parece que ela não tinha pressa, pois não me alcançou antes de eu ter andado mais de 5 milhas*". Dois anos depois, declarou que podia enfrentar o vento do norte melhor do que aos vinte e sete, e podia ler sem óculos. Ao chegar ao seu 80º aniversário, declarou que não tinha as dores ou enfermidades físicas dos vinte e cinco, e não havia congregação que não pudesse ouvir a sua voz.

Não foi antes dos oitenta e três que ele reclamou que os seus olhos doíam se escrevesse durante mais de 15 horas por dia. Não foi antes dos oitenta e cinco que admitiu estar começando a esmorecer. Caminha mais devagar, principalmente quando sobe a montanha; sua memória já não é tão rápida; e não pode ler tão bem à luz de vela. No entanto, registra como "um dia de descanso" aquele em que prega somente de manhã e à tarde. Em seu 87º ano de vida publicou seu programa de visitação: vinte cidades e vilas em vinte e oito dias. Quem se compara a ele em força física?

Não sabemos explicar a vitalidade de Wesley, bem como não compreendemos as tremendas realizações de Sir Winston Churchill ou do dr. Albert Schweitzer, que parecem ter ultrapassado as regras da saúde aplicadas às pessoas comuns. Naturalmente, Wesley não carregava peso excessivo (pesava 53 quilos). Leslie Stephen chamou-o de "galo-de-briga humano". Era cuidadoso em sua dieta. Dormia bem. Movido pela necessidade,

podia dormir profundamente até sentir-se restaurado. Uma vez registrou de maneira indiferente que não havia perdido uma única noite de sono em setenta anos. Mas há pessoas tão cuidadosas com a higiene quanto Wesley, que morreram aos trinta.

Isto não significa que Wesley tenha sido um homem de saúde extraordinária. Constantemente estava doente. Cuspia sangue em seus primeiros anos e uma vez escreveu seu epitáfio, pensando que a morte por tuberculose estava próxima. Seu remédio soberano para todo ataque de doença ou cansaço era o trabalho. O pensamento no trabalho ou a visão de pessoas esperando para ouvi-lo fazia crescer a força vital dentro dele, como a seiva no rebento, e quando havia terminado seu trabalho, o inverno de sua fadiga tinha ido embora e a primavera estava em plena florescência. Estes dois registros do *Diário* são típicos:

“Caminhei até Burnham. Não pensava em pregar lá, duvidando que minhas forças me permitissem pregar sempre três vezes por dia, como tenho feito desde que vim de Evesham. Mas, ao encontrar uma casa cheia de pessoas, não pude conter-me: quanto mais uso minhas forças, mais forças tenho. Quase sempre estou muito cansado quando prego pela primeira vez; um pouco, depois da segunda; mas após a terceira ou quarta vez, raramente sinto fraqueza ou cansaço.”

“Tendo sido incomodado à noite por Mr. Swindells, que dormiu comigo, e teve um tipo de ataque apoplético, eu não me sentia bem por volta do meio-dia, quando comecei a pregar numa grande praça, em um lado da cidade, e o sol quente brilhava sobre minha cabeça que tinha doído durante todo o dia. Mas esqueci-me disto pouco depois de ter começado a falar. Ao terminar meu discurso, deixei todo o meu cansaço e dores de lado, e fui para Dubin em perfeita saúde.”

A vitalidade de Wesley era mais que física; seu

maravilhoso vigor corporal vinha de um poder espiritual surpreendente. Aqui está um homem que foi molestado pela multidão, apedrejado de York até Cornwall e, no entanto podia dizer depois de um encontro violento: "*Do começo ao fim senti a mesma presença de espírito como se estivesse sentado à minha própria escrivaninha*". Aqui está um homem que enfrentou os elementos naturais em sua crueza: tempestades que quase o lançavam fora do cavalo; vento, geada e frio tão penetrantes que suas faces e mãos sangravam como se tivessem sido cortadas por faca; inundações, aventuras com ladrões e assaltantes de estradas, pântanos, cavalos que caíam e diligências em disparada. Estas experiências, naturalmente, exigem resistência física. Porém mais que isto, exigem o *desejo* de enfrentá-las. Ninguém exigiu de Wesley que enfrentasse temporais sob forma natural ou humana; ele *quis* fazê-lo por amor ao Reino. E, mais espantoso ainda, persistiu neste desejo sem esmorecer durante mais de meio século, tão imperturbável em suas jornadas pela Inglaterra como uma estrela em sua órbita.

Considere, agora, a pressão emocional de seus trabalhos. Wesley pregava regularmente nas prisões e aconselhava principalmente aqueles sob sentença de morte. Aqui está uma descrição de uma cena angustiante, registrada no dia 26 de dezembro de 1784, quando Wesley tinha 81 anos:

“Preguei o sermão aos criminosos condenados em Newgate (Londres). Quarenta e sete estavam sob sentença de morte. Enquanto entravam havia algo terrível no tinido de suas correntes. Mas não se ouvia qualquer ruído, quer deles ou do auditório repleto, depois que o texto foi anunciado: "Há mais alegria no céu por um pecador arrependido, do que pelos noventa e nove justos que não precisam de arrependimento". O poder do Senhor estava eminentemente presente, e grande parte dos prisioneiros estavam em lágrimas. Alguns dias depois, vinte deles morreram de uma só vez, cinco dos quais morreram em paz.

Ou considere este registro no *Diário* de Carlos Wesley, ainda mais pungente:

“Por volta das 10h30 chegamos a Tyburn (com os prisioneiros condenados); esperamos até às onze; então foram trazidas as crianças marcadas para morrer.”

Por que terríveis experiências passou Wesley! No entanto, ele manteve sua compaixão, jamais perdeu seu equilíbrio mental, e seu prazer de viver permaneceu com ele até o fim. Certa vez, disse que não havia sentido prostração espiritual por mais de um quarto de hora, desde que nascera.

Provavelmente não estamos errados em ligar a vitalidade física de Wesley à sua vitalidade espiritual, e esta à sua relação com Deus. Wesley é um exemplo perfeito de integração religiosa. Ele não carregava qualquer carga de culpa em sua alma. Não tinha que enfrentar as lutas da vida tendo uma das mãos atada às costas por causa de algum embaraço lamentável. Não abrigava temores paralisantes. Nenhum ódio envenenava seu copo de felicidade. "Onde o Senhor está, há liberdade", prometem as Escrituras, e Wesley viveu esta verdade em sua vida. Foi uma pessoa completamente emancipada no mais nobre sentido do termo.

Ele acreditava que Deus o chamara para a tarefa, e não permitia que nada que fosse humano desafiasse suas credenciais divinas. Trabalhava em uma tarefa que envolvia toda a sua natureza. Tinha certeza de que estava fazendo o bem às pessoas. Usou todas as satisfações do esforço criativo. Mais que tudo, ele tinha um grande suprimento do amor de Deus, que dizia ser o melhor remédio do mundo. Esse amor salva a pessoa do "desassossego mental", da "angústia de um espírito quebrantado", "do temor e da tristeza do coração", e "daquele cansaço e mesquinhez inexprimíveis, tanto do mundo como de nós mesmos, contra os quais lutamos durante tantos anos". O amor de Deus não é somente um remédio soberano para estas misérias; é

remédio preventivo também - "Previne, particularmente, todas as desordens físicas introduzidas pelas paixões, mantendo-nas dentro de seus limites; e pela serenidade e tranqüilidade intraduzíveis que traz à mente, torna-se o mais poderoso de todos os meios de saúde e longevidade". Imerso em Deus, sem os sedimentos do temor, da culpa e da hostilidade, Wesley verdadeiramente era, na frase do dramaturgo - "um canal pelo qual a Onipotência pode passar".

Esta vitalidade sobre-humana de Wesley obteve resultados porque era disciplinada. Não havia desperdício desnecessário, dispersão ou desprendimento inútil de energia. Tudo nele tendia a louvar ao Senhor porque estava sob controle quádruplo:

1. ***Por uma consciência aguda do tempo.*** Um de seus biógrafos relata que a carruagem de Wesley demorou-se, certa vez, além do tempo marcado. Wesley havia guardado sua papelada e deixado o apartamento. Enquanto esperava à porta, alguém o ouviu dizer: "Perdi dez minutos para sempre". Gentil e condescendente que era em muitas coisas, o tempo lhe era tão precioso que em seu uso ele era decisivo e inexorável. Sua carreira foi uma disciplina contínua no uso do tempo.

Ele controlava rigorosamente o seu tempo, do mesmo modo como o fazia com o dinheiro. Planejava seus dias considerando os minutos, e registrava em seu diário pessoal como havia empregado cada hora, uma prática que formaria a base do seu *Diário*. Seus compromissos eram sagrados, principalmente porque seu programa era tão apertado que permanecer quinze minutos a mais com uma pessoa significava tomar um quarto de hora de outra. O velho dr. Johnson reclamou a Boshwell: "A conversa de João Wesley me encanta. Mas ele nunca está folgado. É sempre obrigado a ir-se em determinada hora. Isto é muito desagradável para um homem que gosta de cruzar as pernas, e terminar a conversa, como eu faço".

Wesley não perdia tempo e levantava-se às quatro horas todas as manhãs. Atribuía sua boa saúde a esta prática, insistindo em que o sono excessivo induzia à frouxidão da carne e tendia a enfraquecer a vista. Mas o pior aspecto de se permanecer na cama era o fato de se perder um tempo valioso, o que era um pecado contra Deus. Wesley sustentava que o levantar-se cedo podia não ser suficiente para tornar um homem um cristão, mas o não levantar-se podia manter a pessoa pagã, longe do espírito de Cristo.

Wesley trabalhava o tempo todo. Ele e o ócio se separavam; poderia dizer honestamente que não tinha uma hora sequer para gastar, desde as 4 da manhã até às 9 da noite. O fundador do Metodismo teria concordado alegremente com dois aforismos (**sentenças morais, máximas**) de seu contemporâneo, Thomas Jefferson, o autor da independência norte-americana: "*É maravilhoso o quanto pode ser feito se estivermos em constante atividade*", e "*Ninguém jamais reclamará da falta de tempo se nunca o perder*".

Wesley redimia os fragmentos de seus dias. Se o vento ou as ondas atrasassem o seu embarque, juntava uma congregação e pregava-lhe o evangelho. Ou traduzia um tratado de lógica para o uso de seus pregadores. Quando em viagem, levava sempre um livro; e seu *Diário*, com uma infinidade de notas sobre livros, fala eloqüentemente de sua leitura. Quando estava muito doente para pregar ou viajar, mas suficientemente disposto para ler ou escrever, trabalhava em suas "Notas sobre o Novo Testamento". Quando deu a seus pregadores o conselho contido ainda hoje no ritual para admissão à sua Conferência Anual Metodista: "*Seja diligente; nunca esteja sem ocupação; não se ocupe com coisas inúteis; nunca desperdice tempo, nem gaste mais tempo em qualquer lugar que o estritamente necessário*", estava escrevendo autobiograficamente.

Apesar do seu volume de trabalho, ele mantinha a proporção. Nunca permitiu que a porção do dia dedicada ao trabalho da igreja avançasse no horário da oração particular. De fato, quanto mais ocupado estivesse em deveres eclesiásticos, mais se entregava à oração. Ele era capaz de escrever: "*Tenho tanto que fazer hoje que devo orar duas horas pela manhã*".

No entanto, apesar de todos os seus compromissos, graças à sua rigorosa administração do tempo, era calmo de espírito. Dele se poderia dizer o que o biógrafo do falecido arcebispo Temple disse: "*Viveu uma vida agitada, mas nunca perdeu o fôlego*". O Metodismo deve muito ao domínio que Wesley exercia sobre o tempo.

2. Por uma consciência sensível à Bíblia. Com Wesley as exuberâncias da evangelização sempre foram reprimidas (**delimitadas, margeadas**) por uma consciência escrupulosa. A noção, às vezes prevalecente, de que se "o coração de uma pessoa está certo, não importa muito o que ela faz," era condenada pelo o fundador do Metodismo. A conduta deveria sempre concordar com a moralidade. Em certa ocasião ele censurou severamente as sociedades litorâneas cujos membros estavam envolvidos em contrabando e percebeu, mais tarde, que o trabalho de Deus havia aumentado lá desde que a prática de roubar o rei havia cessado. Examinava os membros das sociedades para ver se algum deles estava envolvido com a destilação alcoólica ilegal. Excluiu alguns por transações comerciais duvidosas. Sempre exortava seu povo a evitar "a preguiça, a prodigalidade (**desperdício, esbanjamento**) e a falta de asseio", que nem sempre são reconhecidas como pecados entre os evangélicos.

Em uma conferência (**que no Brasil equivale a um Concílio**), empregou quase todo o tempo verificando se "o espírito e a vida de nossos pregadores estão de acordo com suas profissões". Até hoje (**no metodismo norte-americano**) cada

membro de uma Conferência Anual (**Concílio Regional**) na Igreja Metodista deve enfrentar uma inspeção anual de seu caráter. Para Wesley, nenhum êxtase de emoção religiosa, nem a mais feliz bem-aventurança mística, poderia substituir as exigências simples, terrenas, da honestidade, da sobriedade, da diligência e da boa vontade.

A fonte da ênfase moral de Wesley era, sem dúvida, a Bíblia. Ele chamava o Metodismo de reavivamento da religião bíblica, e afirmava, repetidamente, que o único guia para a fé e prática que reconhecia eram as Escrituras.

Qual o guia pelo qual os homens julgam o certo e o errado? Como devem suas consciências ser dirigidas? O guia cristão para o certo e o errado é a Palavra de Deus, os escritos do Antigo e do Novo Testamentos... são uma lanterna aos pés dos cristãos, e uma luz em todos os seus caminhos. A Palavra de Deus, somente, Wesley recebe como seu guia para o que é certo ou errado, o que é realmente bom ou mau. Ele não julga nada bom, a menos que aqui esteja declarado, diretamente ou por consequência simples; não considera nada mau, senão o que aqui está proibido, em termos ou por inferência inegável.

Além de qualquer outra coisa que a Bíblia possa ser, ela é um livro de retidão. Embora a vida cristã seja mais do que a moralidade, não é cristã se não tiver moralidade. Viver retamente pode não ser a essência da religião, mas é a essência das exigências de Deus sobre nós. Em parte alguma do Novo Testamento se requer que tenhamos uma experiência emocional, a fim de que sejamos salvos. Seu refrão, expresso de várias maneiras, é: "*A menos que a vossa retidão exceda a dos escribas e fariseus*" - o padrão moral mais alto conhecido no tempo de Jesus - "não entrareis no Reino de Deus" (Mt 5:20). Não há substituto para a conduta conscienciosa. Qualquer profissão de comunhão com Deus que não conduza a ela é armadilha ou fraude.

Todas as alterações do sentimento que não resultam em maior constância de caráter são pó e cinza diante de Deus.

Toda tática evangelística deve ser colocada à prova, para que confirme a santidade do coração e da vida. A fita métrica de nossos esforços de reavivamento não é a profundidade dos sentimentos de arrependimento, nem a intensidade dos desejos; não é o calor das emoções nem são os bons momentos proporcionados por estas experiências, mas, sim, a obediência filial a Deus e os frutos do Espírito dela decorrentes. Se for grande a nossa eloquência como evangelistas, ou poderosas as nossas obras, ou profundas as nossas emoções, se não guardarmos os mandamentos de Cristo, nosso testemunho será em vão; e ouviremos o Mestre dizer um dia: "Os publicanos e as pecadoras entrarão no reino dos céus antes de vós". A retidão segundo a Bíblia foi a prova a que Wesley submeteu seus próprios trabalhos evangelizadores. Seus filhos espirituais não deveriam se desviar dela.

3. ***Por um senso comum crítico.*** "Sobre as Escrituras e o senso comum", escreveu Wesley a um dos seus correspondentes, "edifico todos os meus princípios". Ele acreditava que a religião cristã é baseada na razão e que renunciar ao raciocínio é o mesmo que renunciar à religião. A religião e a razão andam juntas, de modo que toda a religião irracional é falsa. Em seu famoso tratado sobre a perfeição cristã ele diz:

"Admoesto-vos a nunca usar as palavras 'sabedoria', 'razão' ou 'conhecimento' de maneira injuriosa. Ao contrário, orai para que possais abundar nelas mais e mais".

Ele insistia, portanto, em que todas as afirmações religiosas fossem elaboradas com lógica. Criticava severamente os místicos como Boehme, a quem encontrou cheio de

contradições, ou Swedenborg, demasiado "selvagem". O Romantismo de Rousseau também sentiu o toque de suas mãos. Wesley admoestava seus seguidores a respeito das generalizações religiosas muito fáceis:

"Muitas vezes tenho encontrado em mim mesmo e nos outros uma tendência a unir eventos que não têm verdadeira relação entre si. Assim, uma pessoa diz: 'estou tão certo de que esta é a vontade de Deus quanto estou justificado'. Outro diz: 'Deus falou isto ao meu coração como nunca falou antes'. É um meio muito perigoso de falar ou pensar".

Wesley afirmava somente o que encontrava na Bíblia. Isto é, ele se declarava um literalista. Na verdade, submetia as Escrituras ao mesmo exame de racionalidade - o verdadeiro senso comum mais do que a lógica aristotélica - como fazia com todas as outras coisas.

A princípio, Wesley empregava o sorteamento para encontrar orientação diária. Abria a Bíblia a esmo e observava o significado da primeira passagem que seus olhos encontrassem. Estava indeciso se deveria deixar Londres e ir a Bristol para tomar conta do trabalho lá. Abriu a Bíblia ao acaso e o versículo que encontrou (Atos 8:2) dizia: "Alguns homens piedosos sepultaram a Estevão e fizeram grande pranto sobre ele". Era um aviso claro para que não fosse a Bristol. Mas, pouco depois, ainda confuso sobre o assunto, e inclinado a mudar de idéia, abriu a Bíblia em 2 Reis 16.20 - "E Ajaz dormiu com seus pais, e eles o sepultaram na cidade de Jerusalém". Para o observador imparcial este verso pareceria tão agourento quanto o primeiro. Mas Wesley leu nele uma ordem divina para que fosse. O caso é que enquanto ele procurava orientação na Bíblia, lia através das lentes do seu próprio julgamento.

Sua crítica se aprofundou pela familiaridade com a

grande literatura do mundo. Lia livros de todos os tipos -para mencionar, citemos alguns livros e seus autores mencionados em seu *Diário*: os clássicos antigos (*Iliada e Odisséia* de Homero; *Memorabilia*, de Xenofonte; os *Diálogos* de Luciano, Virgílio, Cícero e Horácio); filosofia: (Platão, Locke, Leibniz, Hutcheson); economia, política (*O Príncipe*, de Maquiavel e *Fábulas das Abelhas*, de Mandeville); literatura católico-romana (Vidas, de Loiola, São Patrício, os místicos medievais); ciências (Bacon, as Cartas do dr. Franklin sobre a eletricidade, Huyghens, Priestley, as transações da Sociedade Real); poesia (Milton, Pope, Cray, Young, Voltaire, Thomson, Ossiam); drama (Shakespeare), inúmeros volumes de história, cartas (Dean Swift, Lord Chesterfield); viagens (*Viagem às Ilhas do Oeste*, do dr. Johnson, *Jornada Sentimental*, de Sterne, *Descrição de Córsega*, de Boswell, *As Viagens* de Cook) bem como estudos profissionais e sermões. Será que tudo isto é semelhante à leitura da maioria dos evangelistas?

No entanto, embora fosse crítico de muito do que passava por religião, ele era igualmente crítico da razão e da aprendizagem. Sabia que apesar de a razão fornecer os freios, ela não enche o tanque de combustível. Por si só não produz fé, esperança, ou amor. Enquanto a erudição dá dimensões ao ministério do homem que a mais completa consagração não pode compensar, ele sabia que Deus pode usar pessoas incultas para realizar seus propósitos. As limitações da razão tornaram-no tolerante também às opiniões e práticas que se desviavam (**diferenciavam, divergiam**) das suas.

4. ***Pelas regras do bom-tom*** . Wesley foi criado nas tradições educadas da Igreja Anglicana. Embora tenha se afastado do meio em que foi educado para que pudesse salvar almas, nunca sucumbiu à heresia de que quanto mais cru é um pregador, mais eficiente é seu ministério. Ele se encolerizava contra aqueles que gritavam do púlpito e usavam levemente o nome divino. Seu ideal é sugerido por uma

frase que usava com freqüência: "um estado de alegria solene" – o sentimento religioso temperado pela dignidade própria do santuário e a crucialidade dos interesses últimos. Ele ficava mortificado com as desordens na congregação. Reprendia em linguagem bem clara as sociedades nas quais as pessoas caminhavam durante o culto "como se estivessem num jardim" (**passeando**) ou conversavam durante ou depois do culto, como se estivessem num bar. Ah! Wesley, devias estar vivo agora!

Em outras palavras, Wesley acreditava que um cristão deveria ter boas maneiras. "Como é agradável a cortesia unida à sinceridade! Por que", perguntava ele, "deveriam elas estar separadas?"

Um ministro (**pastor**), pensava ele, deve ter toda a "cortesia de um cavalheiro unida à correção de um erudito". Embora Wesley fosse duro como administrador havia também uma delicadeza em suas relações sociais que nem sempre pode ser encontrada no pregador do evangelho.

Certa vez, Wesley estava almoçando com um de seus pregadores itinerantes, uma pessoa de maneiras muito simples. Este pregador sem tato, notando que a filha de seu anfitrião usava mais anéis que ele poderia aprovar, tomou rudemente a mão da moça e disse: "O que o senhor pensa, sr. Wesley, desta mão metodista?" Com um sorriso bondoso dirigido à moça, Wesley replicou: "Penso que é uma mão muito bonita". Para Wesley, as boas maneiras não eram uma virtude de menor importância, como o eram para alguns evangelistas.

Concluindo, ao ponderarmos sobre a magnitude de Wesley como um modelador de almas, e uma influência contínua, o segredo parece ter sido – tanto quanto a inspeção humana pode verificar – a simetria de seus trabalhos.

A “praga do evangelismo” - ou seja, a aderência (adesão, enfoque) estreita a um fragmento do evangelho, a um segmento da natureza humana ou a um método único – era completamente estranha a Wesley. Como consequência, seu reavivamento não terminou em cansaço, desilusão e reação raivosa contra a igreja; terminou na sua recriação.

Lemos, no livro de Apocalipse, que a extensão, largura e altura da Nova Jerusalém são iguais. As palavras simbolizam também a realização de João Wesley.

Extensão: não somente um ministério pessoal de sessenta anos de duração; mas uma "linha de esplendor sem fim" – impulsionada por energias super-humanas.

Largura: a santificação da natureza integral do homem – da mente, do corpo, do coração, da vontade, da sociedade – sendo o mundo a sua paróquia.

Altura: aspiração a nada menos que a perfeição do Pai Celestial.

Se pudermos apenas compreender a visão de Wesley em todas as suas dimensões, e torná-la nossa, talvez vejamos a Cidade Santa descendo uma vez mais à terra, e Deus habitará conosco e seremos seu povo e ele será nosso Deus.

A ação evangelizadora é uma ação do amor. Um ato motivado e impulsionado pelo amor de Deus e uma dádiva amorosa da totalidade de sua vida no compartilhar do amor divino às pessoas e comunidades. Por amar o ser humano, Wesley desejava levar-lhe, com todas as suas forças e com todo o seu coração, o amor redentor de Cristo.

Amou a todos intensa e sinceramente, sem discriminações, numa época cheia de preconceitos, separações, menosprezos e marginalizações. Em especial, amou os abandonados, desprezados, pobres e desesperados, valorizando suas vidas e trazendo-lhes a esperança e o poder do evangelho de Cristo.

Para rever, reavaliar e redespertar os cristãos e os metodistas na paixão evangelizante, está sendo relançado o tradicional, motivador e sempre atual livro, *João Wesley, o Evangelista*.

Ao lermos este livro, religaremos nossas vidas e a vida da Igreja Metodista (e cristã) aos fundamentos básicos da "experiência de João Wesley" e ao desenvolvimento da obra de renovação e restauração iniciada por ele, seu irmão Carlos Wesley e um grupo significativo de irmãos(ãs).

Bispo Nelson Luiz Campos Leite